



Faculdade de Educação Física

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação

**Racismo e Injúria Racial no futebol brasileiro: um olhar sobre o impacto da
informação no Esporte**

Amanda Regina Rodrigues Soeira Medeiros

Orientador:
Prof. Dr. Paulo Henrique Azevêdo

Brasília, julho de 2017

Amanda Regina Rodrigues Soeira Medeiros

**Racismo e Injúria Racial no futebol brasileiro: um olhar sobre o impacto da
informação no Esporte**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Educação Física – Bacharel, na Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Henrique Azevêdo.

Brasília, julho de 2017

Amanda Regina Rodrigues Soeira Medeiros

**Racismo e Injúria Racial no futebol brasileiro: um olhar sobre o impacto da
informação no Esporte**

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Paulo Henrique Azevêdo (Orientador)
Faculdade de Educação Física – Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Gustavo Souza de Alvarenga (Membro)
Faculdade de Educação Física – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Victor Lage (Membro Suplente)
Faculdade de Educação Física – Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que em sua maravilhosa graça me concedeu o dom da vida: “Como é bom render graças ao Senhor e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo; anunciar de manhã o teu amor leal e de noite a tua fidelidade.” (Salmos 92:1 e 2).

Agradeço aos meus pais, que além de seu carinho, amor, dedicação, se esmeraram em oferecer a melhor educação, as melhores oportunidades, os melhores conselhos e ensinamentos a mim e as minhas irmãs. Obrigada por sempre apoiarem os meus projetos de vida.

Meu pai, Luiz Geovani, que é minha referência de profissionalismo e amor. Minha mãe, Albenira, que é minha referência de força, dedicação, sabedoria e doçura. As minhas irmãs, Nathalia Cristina e Ana Luisa pelo carinho, amizade, puxões de orelha e incentivo para que eu nunca desistisse de ser uma profissional formada pela Universidade de Brasília. Tenho muito orgulho de ser uma Soeira com raízes tão fortes e, que se esmera em alcançar sempre a versão melhor de si a cada novo dia.

Um agradecimento especial ao meu esposo, meu grande amor, André, por todas as madrugadas acordando mais cedo para me deixar no ponto de ônibus, as noites que dormi tarde ou que nem dormi me dedicando a conclusão das atividades acadêmicas e da pesquisa desta monografia, pelos momentos de ajustes nas rotinas diárias. Obrigada pelo suporte, a compreensão, o companheirismo, a amizade, o respeito e o amor que me permitiram chegar até esse momento tão importante. Obrigada por se manter firme mesmo quando eu fraquejava. Obrigada por ser o exemplo de profissional que és. Obrigada por ser meu presente melhor que a encomenda.

Não poderia deixar de agradecer a todos os meus professores da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, que contribuíram a sua maneira pra minha formação profissional.

Agradeço ao meu professor, supervisor, orientador e amigo, professor doutor Paulo Henrique Azevêdo por todos os conselhos, ensinamentos, exemplos, orientações profissionais e de vida que me engradeceram como profissional e como ser humano. Obrigada pela confiança, pela compreensão, pelas cobranças, pelo incentivo e pela gentileza com que me sempre me tratou.

Desde 2015 faço parte do quadro de colaboradores/estagiários do Laboratório de Pesquisa sobre Gestão do Esporte – GESPORTE e, não poderia deixar de agradecer aos colegas que estiveram comigo durante esse tempo: Jéssica Caroline, pela doçura, paciência e amizade que sempre me tratou; professor doutor Antonio Carlos Bramante, por me ensinar sobre postura, serenidade e concentração; Marco Antonio, por me ensinar sobre atenção e generosidade; Melyssa Inda, por me ensinar sobre mansidão e simpatia; Juliana Albuquerque, por me ensinar sobre maturidade e força; Raíssa Luaemar, por me ensinar sobre humildade, sensibilidade e amizade; aprendi muito com todos vocês ao longo destes 5 anos de Universidade e 2 anos de GESPORTE.

E, por fim, um agradecimento aos meus familiares e amigos que sempre torceram por minha formação e desenvolvimento pessoal e profissional.

RESUMO

Com a chegada do esporte durante o século XIX com os imigrantes que desembarcaram aqui, ao título de modalidade mais praticada e favorita, o futebol tornou-se um forte e relevante elemento da cultura nacional e, portanto, integrante da “identidade brasileira”. Mesmo que a duras penas, o futebol é um dos principais caminhos que o negro tem para ascensão social. Mas ter sucesso no esporte, não garante estar isento dos atos preconceituosos. Não se assume no Brasil o racismo existente, o que torna normal as atitudes preconceituosas. O objetivo geral foi analisar a relevância e importância dos casos de racismo e injúria racial ocorridos entre janeiro de 2014 a dezembro de 2016, com o envolvimento de atletas brasileiros de futebol ou árbitros (profissionais) em jogos ou campeonatos nacionais. Foi um estudo qualitativo de caráter exploratório e descritivo, com coleta de dados por meio de levantamento documental e bibliográfico. A pesquisa foi construída através de análise de alguns sites de jornalismo esportivo e a amostra foi de 52 casos. Constatou-se que a falta de punição inibe as denúncias pelos atletas, o que favorece e fortalece comportamentos preconceituosos e racistas. Meramente a divulgação não impactará na informação esportiva, sendo necessária mudança de paradigmas, com construção e disseminação coerente e constante dos conceitos e das consequências do racismo e da injúria racial.

Palavras-chave: Racismo, Racismo no Futebol, Futebol Brasileiro, Informação, Informação Esportiva.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Goleiro Aranha no momento da insulta racista durante o jogo	34
Figura 2 – Torcedora foi identificada nas redes sociais.....	34
Figura 3 – Patrícia Moreira cometendo os insultos racistas contra o goleiro Aranha	35
Figura 4 – Aparições da torcedora Patrícia Moreira	37
Figura 5 – Print do momento da agressão	44
Figura 6 - Print da rede social do jogador Michel Bastos	45
Figura 7 – Desempregado, Aranha diz que racismo atrapalha sua carreira	52
Figura 8 – Aranha diz que episódio de racismo dificultou busca por clube	52
Figura 09 – Comentários dos internautas após as ofensas contra Aranha em 2014	52
Figura 10 – Comentários dos internautas após as ofensas contra Aranha em 2014	52
Figura 11 – opiniões de torcedores após a notícia	54

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Comparativo do número de casos de Racismo e Injúria racial	28
Gráfico 2 – Comparativo do local onde ocorreram os casos de Racismo e Injúria racial	29
Gráfico 3 – Estados com os maiores registros de casos de racismo e injúria racial.....	30
Gráfico 4 – Punições nos casos de racismo e injúria racial	31
Gráfico 5 – Características das Punições nos casos de racismo e injúria racial	32
Gráfico 6 – Responsáveis pelas punições nos casos de racismo e injúria racial	33

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

CBJD: Código Brasileiro de Justiça Desportiva.

ESPN: Entertainment and Sport Programming Network.

FIFA: Fédération Internationale de Football Association (original). Federação Internacional de Futebol (Português).

FGTS: Fundo de Garantia por Tempo de Serviço.

FPF: Federação Paulista de Futebol.

STJD: Superior Tribunal de Justiça Desportiva.

TJD: Tribunal de Justiça Desportiva.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....	5
1.1 – CENÁRIO.....	7
1.2 – OBJETIVO GERAL.....	9
1.3 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	9
1.4 – JUSTIFICATIVA.....	10
1.5 – GLOSSÁRIO.....	11
CAPÍTULO II – O FUTEBOL BRASILEIRO.....	17
2.1 – DOS PRIMÓRDIOS INGLESES ATÉ OS CAMPOS BRASILEIROS.....	17
2.2 – A REALIDADE DO NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO.....	19
2.3 – PRECONCEITO E INJÚRIA RACIAL, RACISMO E O FUTEBOL BRASILEIRO.....	22
CAPÍTULO III – MATERIAIS E MÉTODOS.....	25
3.1 – TIPO DE PESQUISA.....	25
3.2 – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	26
3.3 – ANÁLISE DOS DADOS.....	27
CAPÍTULO IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	28
4.1 – ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	28
4.2 – CASOS MARCANTES DE RACISMO E INJÚRIA RACIAL NO FUTEBOL BRASILEIRO EM 2014.....	33
4.3 – CASOS MARCANTES DE RACISMO E INJÚRIA RACIAL NO FUTEBOL BRASILEIRO EM 2015.....	42
4.4 – CASOS MARCANTES DE RACISMO E INJÚRIA RACIAL NO FUTEBOL BRASILEIRO EM 2016.....	46
4.5 – O IMPACTO DA INFORMAÇÃO ESPORTIVA NOS CASOS DE RACISMO E INJÚRIA RACIAL NO FUTEBOL BRASILEIRO.....	49
CAPÍTULO V – CONCLUSÃO.....	55

Capítulo I – Introdução

Historicamente, o Brasil é conhecido como o país do futebol e recebe toda a importância e reconhecimento mundial por tal atribuição, mesmo que a sua concepção e planejamento tal como conhecemos hoje tenha acontecido na Inglaterra.

Desde a chegada do esporte durante o século XIX com os imigrantes que desembarcaram aqui, ao título de modalidade mais praticada e favorita, o futebol tornou-se um forte e relevante elemento da cultura nacional e, portanto, integrante da “identidade brasileira”. Segundo Lucena (2002):

O futebol surge no Brasil num contexto específico de nossa sociedade, cada vez mais urbana e com o encontro de culturas diferentes, com o fim do trabalho escravo, o aumento da imigração e uma série de mudanças que favoreceram a ampliação de ações no sentido de um redirecionamento ao estilo europeu de vida. (LUCENA, 2002, p. 35).

Desta maneira, a compreensão da construção histórica que relaciona futebol com a chamada “identidade brasileira” é imprescindível para que se possa refletir sobre outros pontos importantes envolvidos neste contexto. Segundo Almeida et al (2012, p.60) o esporte está incrustado na sociedade, tornando-se um meio indispensável para a formação do homem e para a convivência em sociedade. Para Assunção et al (2010, p.93), o esporte não pode ser pensado apenas como um fenômeno biofisiológico, ele é um espetáculo do mundo moderno, está presente no cotidiano das pessoas e movimenta um grande mercado de bens, produtos e serviços.

De acordo com Caldas (1989, p.24), os ingleses precursores desse esporte em nosso país faziam parte da elite da sociedade paulista e carioca e somente os brasileiros ricos tinham acesso à prática do futebol. Portanto, o preconceito racial, o racismo, a discriminação e a injúria racial são companheiros do futebol brasileiro desde seus primórdios. Pois, assim como em outras esferas sociais, a prática esportiva está repleta de casos de que envolvam estas vertentes.

Mesmo que o registro histórico não seja tão preciso e fiel, sabe-se que o jogador do Fluminense Carlos Alberto, em 13 de maio de 1914 ganhou o apelido de “Pó de Arroz” em referência ao pó que usava em seu rosto para parecer mais claro antes das partidas na tentativa de ser aceito pelo clube e conseqüentemente pela torcida.

Em 1933 acontece a profissionalização do futebol dando aos jogadores negros e mestiços a possibilidade de ascensão social e econômica dando um caráter democrático ao esporte. O domínio brasileiro no campo esportivo (BORDIEU, 1983, 1990) em questão, expresso não somente pelos títulos em Copas do Mundo, mas também por um estilo de jogar chamado de “futebol-arte” (VOGEL, 1982, DAMATTA 1994, GIL 1994, HELAL e GORDON JÚNIOR, 1999), fez com que nossos futebolistas fossem altamente valorizados no mercado de trabalho.

Portanto, mesmo que a duras penas, o futebol é um dos principais caminhos que o negro tem para ascensão social. Mas ter sucesso no esporte, não garante estar isento dos atos preconceituosos. O grande problema que existe no Brasil, é não se assumir como um país racista e, por não se assumir, atitudes preconceituosas se tornam normais. Elias (1992) diz que os esportes modernos estão envolvidos na tentativa constante entre manter certa tensão provocada pelos jogos e o controle da violência.

Com o passar do tempo, novas tecnologias surgiram e a própria evolução da sociedade refletiu no uso e no impacto da informação no esporte, principalmente no futebol. E o papel da mídia nessa relação é transformador, seja de maneira positiva ao divulgar os atos preconceituosos visando a educação, visando coibir atos futuros, ou de maneira negativa, ao propagar o discurso racista e exaltar as atitudes tidas por alguns jogadores ou torcedores.

O racismo é um problema que sempre esteve presente no futebol brasileiro, mesmo que de maneira velada. No entanto, a partir de 2014 inúmeras demonstrações e práticas racistas foram vistas dentro e fora dos estádios com mais frequência. E com o advento da internet, muitos atos passaram a ser cometidos através das redes sociais na tentativa de mascarar e dificultar a identificação dos agressores. Os casos envolvendo o goleiro Aranha e o jogador Arouca (em 2014) foram amplamente

divulgados pela mídia e este tipo de informação se torna relevante e ganha importância para jogadores, clubes, comissão técnica, torcedores e meios de comunicação.

A mídia tem relevante papel na vida das pessoas, seja para informar ou para entreter, pois integra a paisagem social moderna e penetra em todas as esferas da vida social, no meio urbano ou rural. Não se restringindo em penetrar nossos meios de expressão e de comunicação, ela modifica nossa visão de mundo à medida que nos impõe novos modos de representação e de ação sobre o real. (HATJE, 2000).

Segundo Alcoba (1987, p.48) o esporte proporciona um tipo de informação distinta dos demais. Sobre o impacto da informação esportiva, encontramos em Digel (1995) cinco características destes efeitos através das mensagens: conhecimento a respeito de um fato, alterações e padrões de linguística, ações sociais, atitudes e emoções.

Carvalho e Tavares (2001, p.7) dizem que a informação está presente em praticamente todas as atividades em que o ser humano realiza. Desta maneira, para este estudo, levaremos em consideração os casos de racismo e injúria racial que tenham acontecido no período de janeiro de 2014 a dezembro de 2016 e, que tenham envolvido atletas brasileiros de futebol ou árbitros (profissionais) em jogos ou campeonatos nacionais. Tendo como objetivo analisar a relevância e importância dos casos de racismo e injúria racial no futebol brasileiro diante da divulgação e exposição que é dada pela mídia.

1.1 – Cenário

O futebol é referência no Brasil desde sua chegada no início do século passado. De acordo com DaMatta (2006, p.111) foi o futebol que juntou hino e povo e popularizou a ideia de nação que pertence a todos, desde o pobre que mora do subúrbio das grandes cidades até os “doutores” que ocupam altos cargos.

Mas para ter acesso ao esporte, que hoje é o mais popular do mundo, os negros tiveram que enfrentar muitas dificuldades. Rossi e Mendes Júnior (2014, p.39) relatam que há pouco mais de um século, quando o futebol nascia no Brasil, jogadores negros não só eram xingados impunemente em campo, como mal eram admitidos no gramado. Os resquícios da escravidão no Brasil e das teorias raciais do século XIX eram empecilhos, mas, não impediram esta inserção:

(...) sublimando tanto do que é mais primitivo, mais jovem, mais elementar, em nossa cultura, era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente de negro, o mulato, o cafuzo, o mestiço. E entre os meios mais recentes - isto é, dos últimos vinte ou trinta anos - de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuzo no Brasil, nenhum excede, em importância, ao futebol. (FREYRE, 1947).

Nomes como Leônidas da Silva, o Diamante Negro, Fausto, Domingos da Guia, Pelé e tantos outros jogadores negros colocaram o Brasil no topo do mundo no futebol mas, sofreram com reforçando a ideia defendida por Oliveira (2008) que através dos esportes nos quais o poder econômico não é fator determinante, como o atletismo, o boxe e o futebol, o negro passa do papel de inferioridade para o papel principal, um exemplo a ser seguido, e assim atinge o patamar de ídolo.

Até o ano de 2005, os casos de racismo e a injúria racial no futebol brasileiro vinham sendo divulgados esporadicamente, sem muita ênfase e sem representação das vítimas (os jogadores) e muito menos seus agressores, que na maioria das vezes, eram os torcedores que nunca tinham rosto ou nomes divulgados. Esse cenário mudou em 2014 com a visibilidade e proporção que o caso envolvendo o Goleiro Aranha e a torcedora Patrícia Moreira tomaram.

Segundo Santin (2006, p.173) “parece que o esporte exerce um certo domínio sobre a imprensa devido a seu grande apelo populacional. A mídia encontra consumidores de seus programas por veicularem eventos ou espetáculos esportivos. Nesse sentido os meios de comunicação dependem do esporte”. Desta maneira, atualmente o esporte e a mídia caminham juntos.

Pois segundo DaMatta (1982) o futebol se coloca na contemporaneidade como um campo simbólico de disputas, capaz de canalizar identidades e tensões, reproduzir dilemas e valores sociais. Portanto, o cenário desta pesquisa são os casos de racismo e injúria racial que aconteceram de janeiro de 2014 a dezembro de 2016 e foram divulgadas pela mídia e, que tenham envolvido atletas brasileiros de futebol ou árbitros (profissionais) em jogos ou campeonatos nacionais.

1.2 – Objetivo Geral

Analisar a relevância e importância dos casos de racismo e injúria racial no futebol brasileiro diante da divulgação e exposição que é dada pela mídia.

1.3 – Objetivos Específicos

- Analisar, a partir das notícias veiculadas pela mídia, os casos de racismo e injúria racial que tenham acontecido entre janeiro de 2014 a dezembro de 2016 e, que tenham envolvido atletas brasileiros de futebol ou árbitros (profissionais) em jogos ou campeonatos nacionais.
- Verificar se existe relação entre o preconceito e a injúria racial, o racismo e o futebol brasileiro.
- Identificar como o futebol brasileiro é influenciado pela divulgação através da mídia dos casos de racismo e injúria racial.
- Analisar a relevância do impacto da informação esportiva no futebol brasileiro a partir dos casos de racismo e injúria racial.

1.4 – Justificativa

Com a abolição da escravatura em 1888, as mudanças nas camadas sociais começaram a acontecer. Tais transformações atingiram diretamente o esporte e a sociedade, impactando na relação que havia entre os praticantes.

Segundo Assunção et al (2010) enquanto que nas classes sociais mais elevadas, o esporte é praticado por lazer, sociabilidade, estética, qualidade de vida e para ostentar certo status e posição social, nas camadas mais populares, crianças e adolescentes procuram nele um caminho para a ascensão social, uma maneira de transpor as barreiras culturais e sociais, se submetendo aos “peneirões” das categorias de base de equipes profissionais.

Para o sportista negro as transformações na sociedade não trouxeram grandes avanços. O negro “objeto” virou cidadão livre, mas não adquiriu status pleno de liberdade, porque conforme o pensamento progressista vigente na época, os brancos seguiram superiores aos negros, conforme salientam Rossi e Mendes Júnior (2014, p.39).

A profissionalização do futebol transformou o lazer em universo de trabalho passando a gerar renda para os jogadores, alterando significativamente o tipo de envolvimento que havia com o esporte. De acordo com Oliveira (2008) o negro era considerado como um ser inferior pelo movimento evolucionista que considerava os negros como primitivos, e pelo movimento eugênico que tinha como objetivo a correção das degenerações humanas e considerava a raça negra como uma dessas degenerações.

O esporte como fenômeno social e, aqui representado, pelo futebol brasileiro é um instrumento capaz de reproduzir a segregação social e racial, dividindo e distinguindo as camadas sociais e raciais. Para Pires (1998, p.28) há interesses específicos das elites nos meios esportivos. Já para Assunção et al. (2010, p.95) a discriminação de classe se dá através das condições para que a prática esportiva seja realizada.

Dessa maneira, o processo de exclusão social é evidente no ambiente esportivo do futebol brasileiro e, pode-se dizer que o processo de exclusão racial também é. Ainda tratando sobre o pensamento defendido por Assunção et al. (2010, p.94) revelando que as diferenças étnico-raciais marcam a realidade esportiva. Esta identificação também ocorre com a questão racial.

Enxergar jogadores de futebol pobres e negros em posições de destaque e reconhecimento dá uma dose, mesmo que homeopática, de esperança aos espectadores e fãs do esporte de que a ascensão, a glória, as conquistas e o reconhecimento financeiro é possível. No entanto, a identificação racial também acontece quando os casos de preconceito racial e racismo surgem e são levados à tona pela mídia e repudiados pela sociedade.

Portanto, o esporte e, nesta faceta, o futebol brasileiro, passa a ser um espaço de construção e reafirmação de identidades, de comportamentos e de atitudes, de maneira a reproduzir a lógica ou a ilógica que existe na sociedade.

É contraditório pensar que em uma sociedade miscigenada como a brasileira, que foi berço de diversas nacionalidades, origens e costumes, o racismo, o preconceito e a injúria racial façam parte de sua concepção deste o princípio e, ainda resistam fortemente nos dias de hoje.

Mesmo que haja uma ampla cobertura por parte da mídia e que até alguns casos evoluam para a esfera esportiva e judicial, a maioria dos casos ainda são tratados de maneira superficial. Portanto, este trabalho se justifica pelo aumento considerável no número de casos de racismo e injúria racial no futebol brasileiro.

1.5 – Glossário

Neste trabalho, os termos a seguir listados foram arrolados com os seguintes conceitos:

Crime de Injúria Racial

O crime de Injúria Racial está descrito no artigo 140, no Capítulo V, na parte especial do Código Penal dos crimes contra a honra, que consiste em ofender a honra de alguém valendo-se de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião ou origem.

Os crimes são enquadrados neste caso quando acontece uma conduta discriminatória a determinada pessoa, e a pena é muito mais leve, o réu pode responder em liberdade desde que pague a fiança. De maneira geral, o crime de injúria racial é associado ao uso de palavras depreciativas referentes à raça ou cor na intenção de ofender a honra da vítima.

Crime de Racismo

De acordo com a Lei n. 7.716/1989, o crime de Racismo significa conduta discriminatória dirigida a determinado grupo ou coletividade e, geralmente, refere-se a crimes mais amplos.

Nesta situação, os casos elencados nesta categoria são julgados pelo Ministério Público que tem legitimidade para processar o acusado. Segundo a lei, recusar ou impedir acesso a estabelecimento comercial, impedir o acesso às entradas sociais em edifícios públicos ou residenciais e elevadores ou às escadas de acesso, negar ou obstar emprego em empresa privada, entre outros se encaixa dentro da descrição de crime de racismo. O racismo é um crime, imprescritível e inafiançável.

Discriminação Racial

De acordo com Bordieu (2004) a discriminação racial é multifacetada, pois está presente em vários setores do campo esportivo. Podemos enxergar essa característica no meio dos próprios jogadores de futebol, dentro dos clubes, nas torcidas e, principalmente dentro da mídia.

Esporte na Mídia e Esporte da Mídia

Segundo Betti (2002), existe uma clara diferença entre a cobertura do esporte no que chama *esporte na mídia*, que é como deveria ser a abordagem da temática nos

veículos de comunicação, e o *esporte da mídia*, cobertura em que os assuntos esportivos são sempre mediados pelos olhares interessados dos diversos meios.

Analisando mais especificamente a televisão (o que não exclui a aplicação a outros meios), o autor defende que o *esporte da mídia* é limitado, não cumpre a abordagem ideal por estar baseado em cinco características: ênfase na falação, monocultura esportiva, supervalorização da forma em relação ao conteúdo, superficialidade e prevalência dos interesses econômicos.

Segundo Assunção et al. (2010, p.96) a mídia influi e interfere no comportamento do público em geral, assim como dos esportistas. Através da mídia, o público pode ser manipulado. Ela age estimulando, restringindo e condicionando os telespectadores, estabelecendo padrões de consumo e formas de participação.

Informação

De acordo com Carvalho e Tavares (2001) as organizações alimentam-se de informações, e ao mesmo tempo são direcionadas por elas, de forma que fornece o sentido de uma organização ser. A cada momento, informações são processadas pelos colaboradores de uma organização; as informações procedem de fontes internas e externas.

Segundo Côrtes (2007) “quando dados passam por algum tipo de relacionamento, avaliação, interpretação ou organização, tem-se a geração de informação”. Segundo Valentim (2008, p.18), a informação é “[...] ao mesmo tempo, objeto e fenômeno, visto que pode ser destacada e analisada por si mesma e, também, pode ser parte de um processo”.

Informação Esportiva

A informação esportiva é conceituada por Clarke (2000 Apud Monteiro; Botelho, 2009, p.58) como [...] informação especializada, que diz respeito ao domínio específico das atividades físicas desportivas e do lazer, e que os usuários dos serviços estão cada vez mais exigentes com relação à eficácia do serviço e à boa adequação dos produtos de informação às suas necessidades.

A informação esportiva é um dado contido no cenário esportivo que, ao se relacionar com um determinado sujeito vinculado a uma organização esportiva, transforma-o em informação esportiva. (Bitencourt, 2013 p. 61).

Beluzzo (2009) relaciona a importância do uso da informação esportiva por seus usuários, com o intuito de gerar conhecimento para uma determinada aplicação, ou seja, corrobora a importância da relação do usuário com o ambiente informacional de modo que possa transformar a informação em conhecimento. E, de fato, a informação é e o seu uso gera conhecimento.

Preconceito

De acordo com Jones (1972), o preconceito é uma atitude negativa em relação a uma pessoa ou grupo, sempre baseado num padrão de comparação social. A manifestação comportamental do preconceito seria a discriminação.

Já Lima (2002, p.30) entende o preconceito da seguinte forma: "(...) um processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base numa marca física externa (real ou imaginária), a qual é resignificada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento". Para Wieviorka (2007, p.19-25), o preconceito é uma forma elementar do racismo.

Preconceito Racial

O antropólogo Munanga (1998, p.47), nos mostra que o preconceito racial não é exclusivamente fruto da ignorância de uma pessoa. Se o preconceito racial fosse somente produto da ignorância, seria fácil utilizar a educação para erradicar este e o

racismo. Na realidade, o preconceito racial está embutido na própria ideologia racista de nossa sociedade.

Segundo Blummer (1958), é o próprio preconceito que constitui o grupo racial, pois este não teria existência independente de nossa percepção, sem estar relacionado ao nosso sistema de valores. O que ele chamava de “sentimento de posição do grupo” é a própria definição de um grupo racial em relação a outro, a sua constituição, as fronteiras que o preconceito expressa, delimita e sanciona.

Racismo

Para Wieviorka (2007, p.19-25), o racismo é assim, uma ideologia essencialista que imputa características negativas reais ou supostas a um determinado grupo, as quais justificam um tratamento desigual deste grupo definido perante o resto da sociedade.

A obra do autor Allport (1954, p.7) é considerada um dos marcos para o estudo sobre preconceito, conforme ele o racismo é “uma atitude aversiva ou hostil face a uma pessoa pertencendo a determinado grupo, simplesmente por causa da sua pertença a esse grupo, e em que se pressupõe que esta possui as características atribuídas a esse grupo”.

Lima e Vala (2004, p. 402) dizem que o racismo, por sua vez, diferentemente do preconceito, é muito mais do que uma atitude. Segundo Guimarães (2005, p.355) falar em racismo extrínseco e intrínseco seria a melhor forma de definir o racismo, pois “permite considerar todas as possibilidades nas quais a ideia de raça empresta um sentido subjetivamente visando à ação social, cobrindo, portanto, aquele campo que podemos definir, de modo estrito, como o campo das relações raciais”.

Raça

Segundo Schwarcz (2002) o termo “raça” surgiu no século XVI durante a descoberta de que os homens eram diferentes entre si. Com base no valor heurístico da “raça”, no século XVIII foram criadas teorias para dar inteligibilidade e sustentação à dominação entre as “raças”, bem como definir a moralidade e o devir dos povos. De

acordo com Malik (1982) “raça” foi um dos conceitos que serviram para analisar, diferenciar e hierarquizar os grupos dentro de um Estado-nação.

Para Elias (1993) “raça” foi um dos primeiros conceitos elaborados para estabelecer a desigualdade biológica entre grupos, assim como o de civilização. Posteriormente, o uso do termo, ao final do século XIX, teria passado a descrever comportamentos, habilidades, deficiências e atitudes dos povos de pele escura, principalmente os negros (Stocking Jr.,1982).

No Brasil, a aplicação do termo segundo Guimarães (2008) passou a ser usado num sentido biológico, enquanto “classe” ou “homens de cor” seria usado em um sentido social. Já Rezende e Maggie (2002, p.15) ressaltam seu aspecto social. Para elas, palavras como negro, branco e moreno “tornam-se atribuições que podem variar de acordo com quem fala, como fala e de que posição fala. As formas de manipular esse sistema de classificação não se dão, entretanto, por acaso.

De acordo com Gordon Jr. (1996, p.77) as representações dos negros no futebol estiveram vinculadas a expressões naturais e inatas exclusivas da “raça negra”, tais como “irracionalidade, impulsividade, excesso, musicalidade, ginga, arte, malícia”. Muitos destes termos são vistos e aplicados a realidade do futebol brasileiro e são qualidades dadas a jogadores negros.

Capítulo II – O Futebol Brasileiro

2.1 – Dos primórdios ingleses até os campos brasileiros

A história que trata do início do futebol é cercada por diversas hipóteses. Uma delas relata o início na Inglaterra, na *Universidade de Oxford – Charles Wreford-Brown* quando um estudante britânico teria sido questionado se jogaria *rugger* (em referência ao rúgbi) e, a resposta foi que ele jogaria soccer, que era o manuseio da bola com as mãos que posteriormente seria oficializado com a criação das regras no século XIX e, também uma variação linguística que era moda na elite inglesa da época.

Segundo Elias e Dunning (1992) as primeiras normatizações desse jogo de bola com os pés foram feitas nas escolas públicas inglesas entre 1845 e 1862. Mas o marco oficial da “criação” do futebol, como um esporte moderno, foram os últimos meses do ano de 1863, quando foi fundada a Associação de Futebol inglesa (*Football Association – FA*). Porém o primeiro clube inglês de futebol surgiu em 1857, quando este jogo de bola com os pés ainda não havia se tornado um esporte. Estes estudos nos dizem que o futebol foi aceito independente das estruturas dos países que aderiram à sua prática e/ou tornaram-no um espetáculo.

Os primeiros países que aderiram a este novo tipo de esporte e lazer foram os europeus sendo também os precursores na criação das federações de futebol, o que seria um marco importante para compreensão do futebol como um esporte moderno. Esse crescimento trouxe consigo os elementos que constituam o jogo, a linguagem, a maneira que o futebol era organizado, os hábitos de terem adeptos assistindo aos jogos aqueles que, atualmente, chamamos de espectadores ou de torcedores.

Os autores Poli e Carmona (2006) no Almanaque do Futebol contam que sob o comando de *Ebenezer Cobb Morley*, considerado um dos primeiros cartolas do esporte, 11 escolas passaram então a integrar e a seguir as regras estipuladas pela F.A. A medida que o futebol se desenvolveu, em 1880, foi criada a *International Football Association Aboard* (IFAB) para tornar homogêneas as regras do futebol

inglês, escocês e irlandês, era uma maneira de preservar e unificar o esporte entre as nações.

Em 1904, o futebol já era patrimônio mundial e sete associações europeias se uniram em Paris para criarem a *Fédération Internationale de Football Association* (que se transformaria na global FIFA em 1913). Atualmente, a FIFA é considerada a instituição máxima do futebol com 209 países/territórios associados, o que torna este esporte, um dos mais populares do mundo.

Ainda no pensamento dos autores Poli e Carmona (2006, p.3) em 150 anos, o futebol redefiniu a palavra esporte, interrompeu guerras, gerou ídolos, lendas, celebridades. Virou e revirou a indústria do entretenimento, estendeu sombras enormes de corpos franzinos, transformou meninos pobres em ícones planetários, criou modas, gerou empregos e se tornou o jogo mais jogado no mundo. No Brasil, o esporte da elite inglesa chegou através dos imigrantes e virou lazer para a alta sociedade brasileira, como descreve Luis Fernandes:

Um esporte praticado quase que exclusivamente por clubes de engenheiros e técnicos ingleses e suas famílias no início do século XX. Do fascínio pelo novo esporte por jovens da elite metropolitana que conviviam com os ingleses e seus clubes. Da organização de clubes para a prática do futebol nos bairros da elite social da Capital, que se tornaram, igualmente, importantes centros de convivência das “famílias de bem. (FILHO, 2003 p.13).

De acordo com a compreensão da maioria dos autores, o futebol se inicia no Brasil em 1894 com a chegada de Charles Miller, que era filho de ingleses (cônsul britânico) e havia ido estudar na Inglaterra na falta de escolas que ensinassem em inglês e transmitissem os costumes britânicos. Foi em Southampton que o jovem teve contato com o futebol, naquela época, os colégios estimulavam a prática esportiva (*críquete, rugby football e o football association*) como parte essencial na formação educacional.

De acordo com Rosenfeld (1993, p.63) (...) para difundir o futebol entre os ingleses, que viviam em São Paulo e jogavam cricket, Miller entregou-se a uma fervorosa

atividade de missionário. O primeiro círculo que cultivou o jogo numa forma organizada foi formado por sócios de um clube inglês São Paulo Athletic Club, que havia sido fundado para a prática do *cricket* e ao qual Miller se associou. O clube reunia altos funcionários ingleses da Companhia de Gás, do Banco de Londres e da São Paulo Railway. Então, dia 14 de abril de 1895 há um registro como sendo o primeiro jogo de futebol no Brasil.

2.2 – A Realidade do Negro no Futebol Brasileiro

A história mais popular sobre a chegada do futebol no Brasil é através da figura de Charles Miller, mas há diferentes versões e outros personagens que também seriam responsáveis pela introdução do esporte no país. De acordo com Santos Neto (2002), em 4 de maio de 1894, em busca de novas oportunidades, o escocês Thomas Danoe embarcou para o Brasil. Meses depois, em agosto, a família de Danoe fez o mesmo trajeto saindo de Glasgow e trazendo como encomenda de Thomas bolas de futebol. Danoe teria organizado partidas informais antes de Miller, que só chegou no Brasil em outubro de 1894. Para o autor, Thomas não teve a preocupação em anotar, registrar a prática, enquanto Miller documentou a novidade no país.

Para a maioria dos autores, as atividades praticadas com bola e os pés não poderiam ser confundidas com a institucionalização do futebol. Mills (2005) defende com veemência que todos os cronistas esportivos concordam com a figura de Miller como precursor. O futebol tornou-se quase que matéria obrigatória em escolas militares e nos internatos administrados por padres católicos. Há um registro que a primeira bola de couro cru teria sido produzida por Manuel Gonzales, um padre do Colégio Vicente de Paula, que comandava jogos para cerca de 40 alunos (FILHO, 2003).

Inicialmente, o futebol foi organizado de maneira direcionada a abranger as camadas superiores da sociedade, já que tinha um caráter mais social e elitista, sendo praticando majoritariamente pela elite inglesa e brasileira. Ir a um jogo de

futebol era uma prática social que exigia um código de conduta. De acordo com o historiador Mário Filho (2003 p.11), o domínio da elite sobre o futebol estava chegando ao fim:

Não se ganhava campeonato só com times de brancos. Um time de brancos, mulatos e pretos era o campeão da cidade. Contra esse time, os times de brancos não tinham podido fazer nada. Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor. (FILHO, 2003 p,11).

Um fato interessante chama a atenção, segundo Caldas (1990 apud RODRIGUES 2004, p.272) no ano de 1919, o então Presidente da República Epitácio Pessoa proibiu a convocação de jogadores negros para representar o país. Segundo Neto et al (1989, p.50) o Palmeiras, o Flamengo, o Fluminense, o Botafogo, são alguns exemplos de grandes times que impediam o acesso do negro à prática do futebol no começo do século passado.

Para Rodrigues (2004, p.273) com o início do profissionalismo do futebol em 1933, os caminhos aos poucos foram sendo abertos para os jovens das camadas sociais mais baixas, o futebol começa a se tornar um instrumento de emancipação social dos negros, possibilitando sua ascensão social, independentemente do seu atual poder econômico e do nível de escolaridade.

Desta maneira, segundo Negreiros (2003, p.127) quando esse esporte deixa de ser o lugar de encontro de uma elite – sempre desvinculada e avessa aos problemas populares –, novos setores sociais se fizeram presentes. Ao mesmo tempo em que o futebol foi perdendo seu caráter branco e elitista, veio o desprestígio social. A essas elites só restou desdenhá-lo como uma manifestação da irracionalidade, do atraso, da desordem, da violência, da ausência de caráter educativo. Em última análise, demonstrava-se a incapacidade de o futebol estar nas mãos dos setores populares. Destes só poderiam ser esperados atos inconsequentes. Não havia como fazer o futebol desaparecer. Portanto, era preciso discipliná-lo, era preciso uma ordenação que viesse de cima e a partir da intervenção do poder público.

Durante as décadas de 30 a 50, os jogadores negros afirmaram o seu valor e suas habilidades dentro de campo sendo responsáveis por grandes conquistas nos clubes e na seleção brasileira. Em contrapartida, quando os jogadores negros perdiam a “inferioridade racial” transparecia e voltava à tona.

Um exemplo marcante é a derrota da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950, em que perdemos o título. Como consequência, houve o “ressurgimento” do racismo e o questionamento sobre a raça brasileira e sobre o futuro do país. De acordo com Franco Júnior (2007, p. 85), era necessária a identificação dos culpados pela frustração do povo. Afinal, "o futebol expressava nitidamente o sentimento de identidade nacional forjada sob a batuta autoritária".

Já segundo Rodrigues Filho (2003, p. 290), foram escolhidos como bodes expiatórios o "frangueiro" Barbosa, o "covarde" Bigode e o "cachaceiro" Juvenal, enquanto outros negros e mulatos (Zizinho, Bauer e Jair) e os brancos do time não foram acusados de nada. Os jogadores Bigode e Barbosa, por exemplo, foram acusados de serem os responsáveis pela derrota na final da Copa de 50, já que devido a sua “raça” “afrouxaram” diante dos uruguaios.

Com o advento das primeiras conquistas de títulos mundiais e a importância da participação de atletas negros, como o Rei Pelé, os questionamentos e dúvidas que haviam sobre a capacidade dos jogadores negros terminou e o discurso freyriano foi recuperado e os negros passaram a ser o nosso “elemento surpresa” no futebol (FREYRE, 1938).

Rodrigues (2004, p.276) relata que o famoso e vencedor estilo brasileiro de jogar futebol, onde dribles e fintas são utilizados costumeiramente, na realidade é fruto do racismo neste esporte, pois negros e mulatos tinham que se desviar constantemente dos brancos, não era permitido que houvesse contato corporal do negro com o branco, sob o risco de advertências bastante severas. Esse constante e exigido desvio dos negros e mulatos em relação aos brancos foi se tornando cada vez mais coordenado e eficaz, se transformando nos dribles e nas fintas. Uma falta normal era visto como desrespeito e muitas vezes eles apanhavam por isso.

Vejamos a fala de Fausto dos Santos:

"Pensei em me adiantar, avançar com a bola e ajudar o Prego... Quem sabe a gente até empatava... Aí me lembrei que era o único preto do time... E se sofrêssemos um gol lá atrás, sem eu ter voltado... Bater já não batiam mais, mas a culpa vinha toda para cima de mim". (A Noite, 28/07/1930, p. 34 apud MURAD, 1999, p. 14).

Freyre (1938) defendeu a tese de que o problema do país estava relacionado às disparidades sociais e culturais, mas não com a cor da pele da sua população:

"De maneira inconfundível formou-se um estilo brasileiro de futebol; e esse estilo é uma nova expressão da nossa mulatice, perito em assimilação, domínio e abrandamento coreógrafo sinuoso e musical das técnicas européias e norte-americanas, que são muito angulosas para o nosso gosto – trata-se de técnicas de jogo ou de arquitetura. Pois nosso tipo de mulatice [...] é inimigo do formalismo apolíneo, é o dionisiaco na sua mobilidade. [...] No futebol, como na política, a mulatice brasileira caracteriza-se pelo prazer da elasticidade, da surpresa, da retórica, que lembra passos de dança e fintas de capoeira. (FREYRE, 1945, p.421-222).

2.3 – Preconceito e Injúria Racial, Racismo e o Futebol Brasileiro

"Xingar um negro de macaco não tem esse peso todo – para quem xinga. É tão comum que a pessoa nem mais percebe a intenção que é botar a pessoa ofendida pra baixo, lembrar-lhe que é inferior e assim, quem sabe, afetar seu desempenho em campo." (LA PENÃ, 2014). Essa frase foi dita pelo humorista Helio de La Penã em seu blog no post intitulado "A Teia do Aranha" no dia 06 de setembro de 2014 em alusão ao caso do Goleiro Aranha, ocorrido em agosto.

Segundo o humorista, o goleiro tomou a atitude correta ao parar o jogo e procurar o juiz quando foi ofendido pois, chamou a atenção para o fato, o que provocou uma decisão inédita. Decisão tal que viria na tentativa de frear e coibir esse tipo de preconceito no ambiente esportivo e, fundamentalmente, no futebol brasileiro.

Tratar sobre as questões raciais e de preconceito no Brasil é um tanto quanto delicado e exige sutileza. Vivemos sob a atmosfera da democracia e da igualdade racial. Transita sobre a concepção da sociedade, que tais questões estão superadas e que vivemos em um país não racista. Nos acostumamos as situações de preconceito e intolerância racial, que em vários momentos, absorvemos o conceito de democracia racial. Democracia Racial não é puramente a harmonia nas relações raciais de pessoas pertencentes a estoques raciais diferentes ou “raças” distintas.

Democracia significa, fundamentalmente, igualdade racial, econômica e política. Guimarães (2002, p.168) postula que para a militância negra e para alguns intelectuais brasileiros contemporâneos a democracia racial representa um mito que dá acesso para a interpretação do racismo e da cultura brasileira: “morta a democracia racial, ela continua viva enquanto mito, seja no sentido de falsa ideologia, seja no sentido de ideal que orienta a ação concreta dos atores sociais, seja como chave interpretativa da cultura.

Para o sociólogo Vieira (2003, p.242), a crença de que neste esporte não existem práticas e atitudes discriminatórias contra negros e pardos só mascara um processo que ocorre em toda a sociedade brasileira, além de dar a incorreta sensação de que em algum lugar e de alguma forma eles podem não ser vítimas de discriminação.

Helal (1990) salienta que:

A situação inicial de qualquer competição esportiva é sempre de simetria, de total igualdade, com os competidores se encontrando no mesmo plano, classificados horizontalmente, sem distinção hierárquica; ao final das disputas, que ocorrem a partir de regras que são as mesmas para todos (o que faz com que todos tenham as mesmas oportunidades), teríamos uma disjunção, em que os competidores, não mais horizontalizados, seriam verticalizados e hierarquicamente desiguais. (HELAL, 1990).

Os termos que são direcionados aos jogadores negros ou mulatos no futebol são ofensivos e racistas. A insignificância e a futilidade é tanta, que chamar de “macaco”, “preto fedido” e “negão” por muitos já faz parte do jogo, ou seja, é um aspecto cultural do futebol e, sendo assim, passa a ser permitido e aceito dentro do ambiente

esportivo. Tanto que na maioria das vezes, os acontecimentos acabam passando despercebidos pela arbitragem e nem chegam a ser relatados em súmula e, quando evoluem para a esfera judicial se torna ainda mais difícil provar a veracidade dos fatos.

Rossi e Júnior (2014, p.39) falam que “a dificuldade em detectar e punir o racismo é histórica no tribunal. Usualmente, ofensas desse gênero são qualificadas como fruto do calor da partida, uma parcimônia consoante à cultura nacional e, mais especificamente, ao contexto em que se desenvolveu o futebol”.

Logo, existe uma linha tênue entre o Racismo e a Injúria Racial e tratando do nosso tema, ofensas como o “Macaco” e “Preto fedido”, que foram dirigidas aos jogadores são atitudes racistas, mas que segundo a Lei são julgadas como injúria racial, já que foram destinadas a uma única pessoa.

Capítulo III – Materiais e Métodos

3.1 – Tipo de Pesquisa

O presente trabalho se caracteriza como qualitativo de caráter exploratório e descritivo, com coleta de dados por meio de levantamento documental e bibliográfico. A metodologia, segundo Correia (2009), é a descrição completa, clara e objetiva dos procedimentos adotados no decorrer do trabalho de pesquisa e compreende tanto os métodos escolhidos quanto as técnicas utilizadas pelo pesquisador.

Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa qualitativa que procura descrever o que acontece em determinado ambiente. Não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, já que a pesquisa qualitativa permite que a criatividade dos investigadores os leve a propor trabalhos que explorem novos enfoques (GODOY, 1995). Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Quanto ao objetivo a pesquisa é exploratória e descritiva. Pretende desenvolver, esclarecer e modificar modelos e ideais, e ainda descrever características de determinado fenômeno. A pesquisa exploratória permite a consideração de diversos aspectos relativos à questão a ser estudada (GIL, 2002), e a descritiva se caracteriza pela necessidade de explorar novas situações as quais precisam de outras informações mais aprofundadas (LEOPARDI et al. 2001).

Segundo Rudio (2000), a pesquisa descritiva é aquela que procura obter informação do que existe, com o intuito de poder descrever e interpretar a realidade. Interpreta “o que existe” e relaciona condições, dados que não consistem apenas na tabulação de dados, mas inclui a interpretação e a conclusão.

Quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa por meio de levantamento documental e bibliográfico, aliado a análise de conteúdo. A pesquisa foi documental, por meio de livros, periódicos, produção de internet, jornais impressos e online. Souza (2001, p.59) diz que todo e qualquer trabalho acadêmico requer um conhecimento sobre os livros, artigos, periódicos de modo impresso, eletrônico, etc, sendo imprescindível um processo metodológico, um certo caminho a seguir, como forma de ser racional e econômica para aquele que realiza a pesquisa.

Apesar de serem termos parecidos, existem diferenças entre eles. Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações.

Já de acordo com Fonseca (2002, p.32) a pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. (...) A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.

3.2 – Instrumentos de Coleta de Dados

A pesquisa foi construída através de análise de alguns sites de jornalismo esportivo, dentre eles: Espn Brasil (<http://espn.uol.com.br/>), Jornal O Estado de São Paulo (<http://www.estadao.com.br/>), o Uol Esportes (<https://esporte.uol.com.br/>) ligado ao Jornal Folha de São Paulo (<http://www.folha.uol.com.br/>), o Globo Esporte (<http://globoesporte.globo.com>) ligado à Rede Globo de Televisão. Além da utilização das bases de dados *Periódicos Capes*, *SciELO* e *Periódicos da UnB* sendo que as palavras chaves utilizadas foram: Racismo, Racismo no Futebol, Futebol Brasileiro, Informação, Informação Esportiva, Redes Sociais.

A amostra foi composta pelo número de casos de racismo e injúria racial levantados de janeiro de 2014 a dezembro de 2016 que tenham ocorrido no futebol brasileiro com atletas ou árbitros profissionais durante jogos ou campeonatos realizados no Brasil (52 casos).

A documentação utilizada como amostra foram as notícias veiculadas nos jornais e sites citados acima e o material bibliográfico disponível na língua portuguesa referente a racismo, injúria racial, a participação do negro no futebol brasileiro e o futebol brasileiro.

3.3 – Análise dos Dados

Primeiro foram analisados os documentos e materiais bibliográficos disponíveis sobre o tema. Após essa análise, foi feito um levantamento das notícias publicadas nos sites de jornalismo esportivo: Espn Brasil, Jornal O Estado de São Paulo, o Uol Esportes e o Globo Esporte.com dos casos de racismo e injúria racial entre janeiro de 2014 a dezembro de 2016 que tenham envolvido jogadores de futebol ou árbitros (profissionais) em jogos ou campeonatos nacionais.

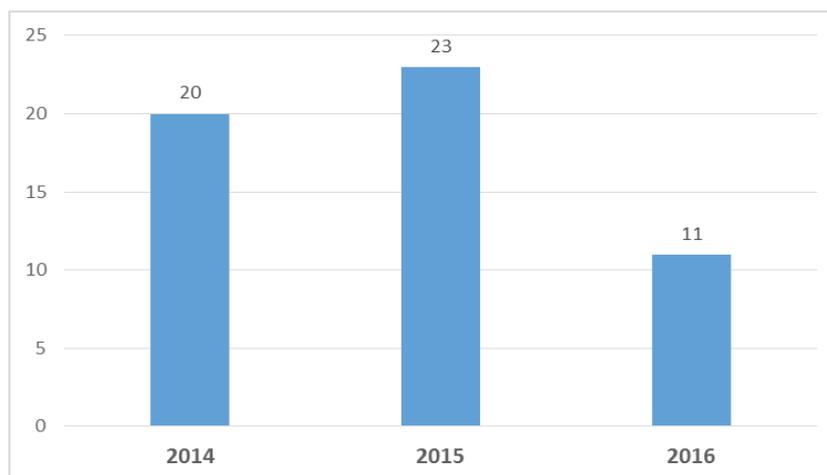
Diante dessas informações foi feito o cruzamento dos dados tendo como referência os dados contidos no Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol – ano 2014 e ano 2015, feito pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol com a participação da Escola de Educação Física Fisioterapia e Dança, da Universidade Federal do Rio Grande (ESEFID – UFRGS).

Capítulo IV – Resultados e Discussão

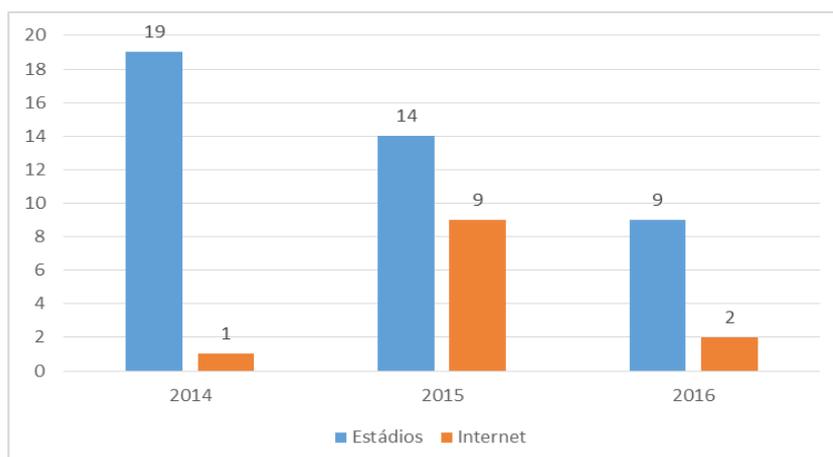
4.1 – Análise dos Resultados

Após a coleta dos dados, foram encontrados os resultados apresentados a seguir.

Gráfico 1 – Número de casos de Racismo e Injúria Racial

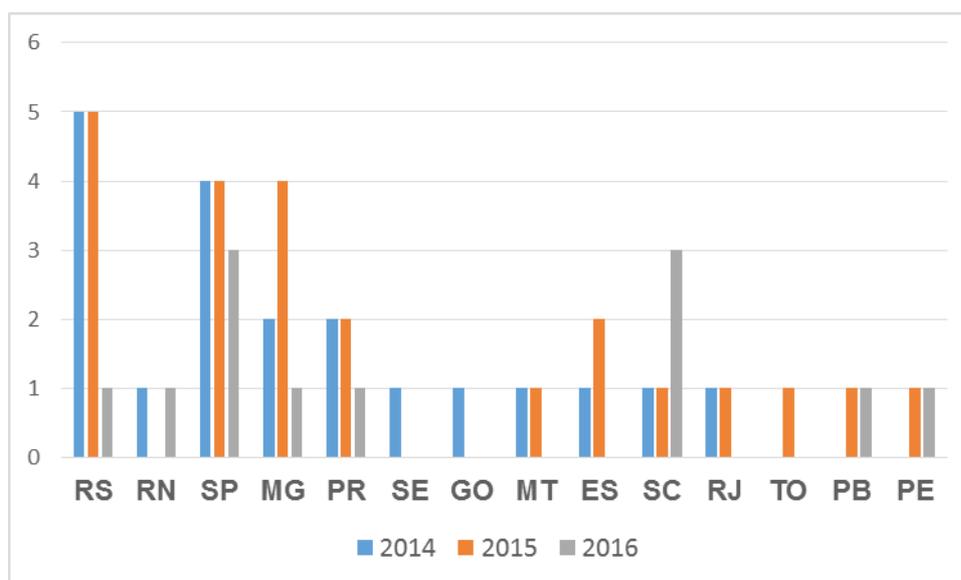


O gráfico 1 nos mostra um comparativo no número de casos de Racismo e Injúria Racial no futebol brasileiro de janeiro de 2014 a dezembro de 2016. No ano de 2014 foram registrados 20 casos de racismo e injúria racial. No ano de 2015, 23 casos e em 2016, 11 casos. Observa-se uma oscilação entre os anos, o que pode ser justificado pelo aumento no número de denúncias e, também pela punição que foi atribuída a estes casos.

Gráfico 2 – Local onde ocorreram os casos de Racismo e Injúria Racial

O gráfico 2 nos mostra dentro do ambiente esportivo o local onde ocorreram os casos de racismo e injúria racial no futebol brasileiro de janeiro de 2014 a dezembro de 2016. No ano de 2014 foram registrados 19 casos que aconteceram dentro do estádio e apenas 01 que tenha acontecido na Internet. Já em 2015 foram registrados 14 casos no ambiente do estádio e 09 casos que aconteceram na Internet. E em 2016, 09 casos aconteceram no estádio e 02 casos na Internet. O cenário esportivo que ambienta o futebol é o estádio e, foi neste espaço, que a maioria dos casos de racismo e injúria racial foram registrados (78%). Em contrapartida, vivemos em uma sociedade informatizada e tecnológica e, seria provável que as redes sociais fossem utilizadas também para manifestações pessoais de ódio, rancor e preconceito visto que (22%) dos casos registrados aconteceram neste espaço.

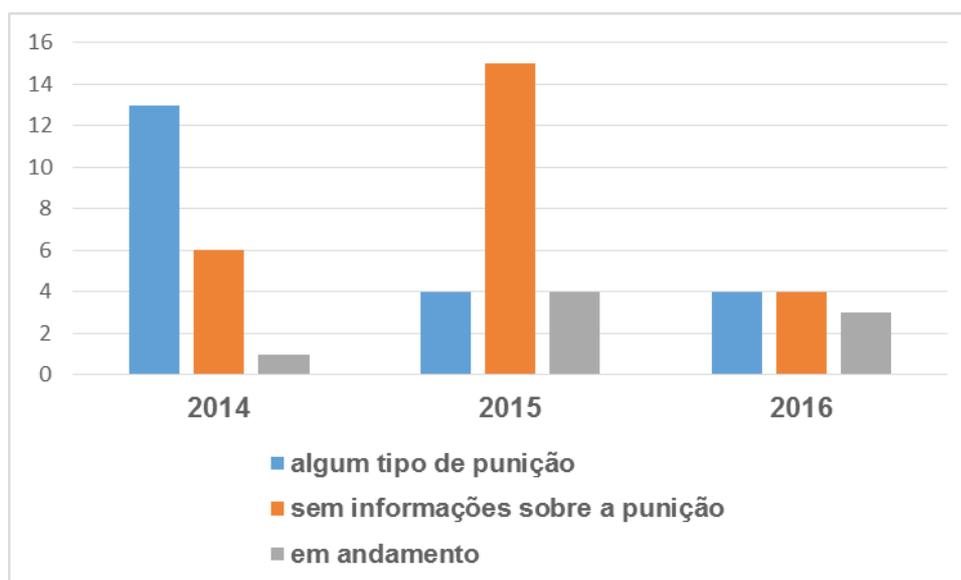
Gráfico 3 – Estados com os maiores registros de casos de racismo e injúria racial



No Gráfico 3 estão elencados os Estados brasileiros com os maiores registros de casos de Racismo e Injúria Racial entre janeiro de 2014 a dezembro de 2016. O Estado do RS ocupou o primeiro lugar por dois anos seguidos (2014 e 2015) tendo registrado apenas um caso em 2016.

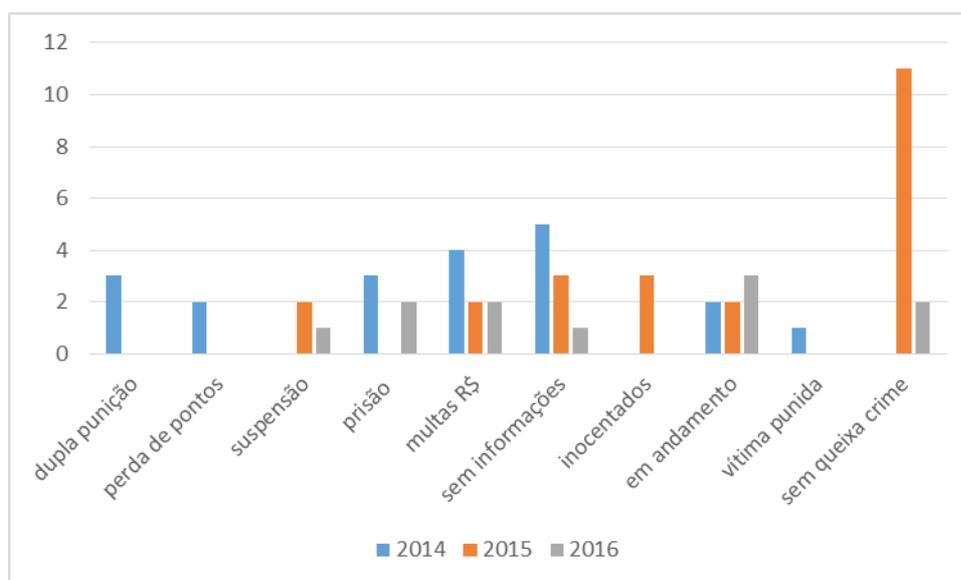
O Estado de SP ocupa a segunda posição com 04 casos por dois anos seguidos (2014 e 2015) e o registro de 3 casos em 2016. O Estado de MG registrou o maior número de casos de seu estado em 2015. E no ano de 2016, o estado de SC registrou o maior número de casos de racismo e injúria racial de todo o território nacional. Observa-se que estados como RN, SE, GO, TO tiveram apenas um caso registrado dentre os anos apurados, estados como Distrito Federal não tiveram nenhum caso registrado. Uma provável explicação para o não registro de casos no DF, seja a incipiência da presença dos times de futebol local em campeonatos nacionais.

Os times do estado do RS tiveram influência germânica e italiana em sua criação e, esta origem baseada na tradicionalidade e na supremacia da cor da pele branca, nota-se um número maior de registro de casos de racismo e injúria racial neste estado. A oscilação deve-se a visibilidade que o caso protagonizado pela Patrícia Moreira e o goleiro Aranha teve em 2014 refletindo consequências ainda em 2015.

Gráfico 4 – Punições nos casos de racismo e injúria racial

O gráfico 4 observamos as punições que foram atribuídas aos casos de racismo e injúria racial no futebol brasileiro entre janeiro de 2014 a dezembro de 2016. Observa-se que foi no ano de 2014 onde ocorreram o maior número de punições (independentemente do tipo e da característica da punição) motivados pelas punições inéditas principalmente no caso do Goleiro Aranha e do jogador Arouca.

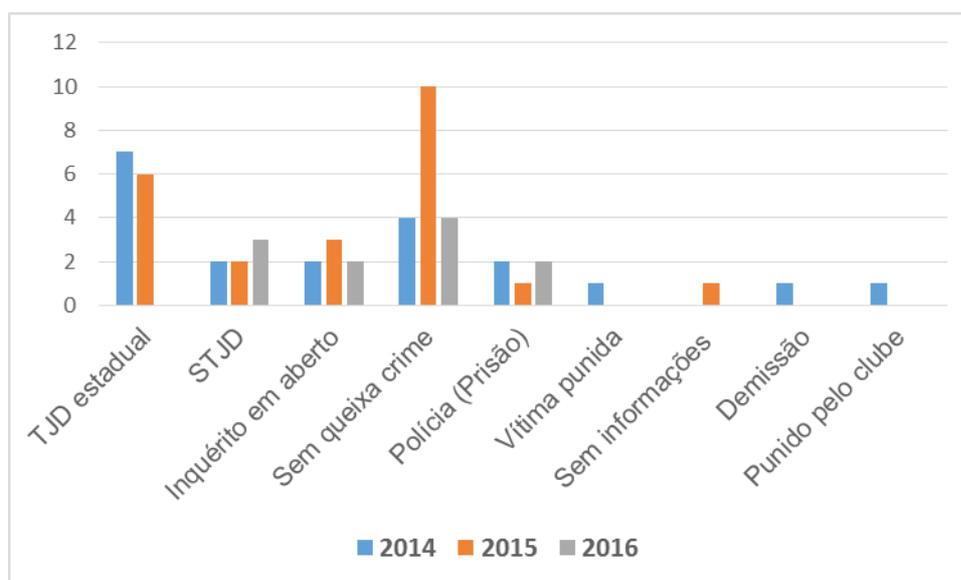
O ano de 2015 registrou o maior número de casos sem informações sobre a punição, se de fato houve algum tipo de punição e a quem essa punição foi atribuída. No ano de 2016, percebe-se quase uma estabilidade nos números em todas as categorias, principalmente, o número de casos com algum tipo de punição e casos sem informações sobre a punição.

Gráfico 5 – Características das Punições nos casos de racismo e injúria racial

Fonte: A autora (2017)

O gráfico 5 mostra as características das punições que foram aplicadas nos casos de racismo e injúria racial entre janeiro de 2014 a dezembro de 2016. Observa-se que o maior número é justamente dos casos onde não há queixa-crime, ou seja, sem registro do boletim de ocorrência, principalmente no ano de 2015. Uma provável razão para o não registro do boletim de ocorrência seria a ciência da vítima que, dificilmente, aquela denúncia teria algum resultado ou punição futura. Em 2014, encontra-se o maior número de casos sem informações (sem nenhum dado recente acerca do encerramento e punição).

As maiores punições (multas) aplicadas em dinheiro variaram de R\$ 2 mil a R\$ 54 mil e, as maiores ocorrências foram em 2014. A dupla punição aplicada refere-se a perda de mando de campo e multa em dinheiro e foi aplicada três vezes no ano de 2014. Dentre as altas quantias de multas (dinheiro) aplicadas destacam-se: R\$ 50 mil reais ao Mogi Mirim (caso Arouca) e R\$ 54 mil reais (caso goleiro Aranha).

Gráfico 6 – Responsáveis pelas punições nos casos de racismo e injúria racial

No gráfico 6 podemos verificar quem foram os responsáveis pelas punições nos casos de racismo e injúria racial entre janeiro de 2014 a dezembro de 2016. No ano de 2014 e 2015, a maioria das punições foi aplicada pelo Tribunal de Justiça Estadual. Apesar do número de casos serem menores, as punições aplicadas pelo STJD foram maiores no de 2016. O número de vítimas presas pela Polícia se manteve igual durante o ano de 2014 e 2016.

4.2 – Casos marcantes de Racismo e Injúria Racial no futebol brasileiro em 2014

No ano de 2014 tivemos 20 casos de racismo e injúria racial no futebol brasileiro. No entanto, este capítulo tratará dos casos envolvendo o Goleiro Aranha, o árbitro Márcio Chagas e o jogador Arouca.

Caso Goleiro Aranha

No dia 28 de agosto, na partida entre Grêmio e Santos pela Copa do Brasil, torcedores gremistas revoltados com o placar do jogo, onde estavam perdendo de 2 a 0 começaram a insultar o goleiro Márcio Lúcio Duarte Costa, mais conhecido como

Aranha chamando-o de “macaco” e “preto fedido”. Quando percebeu os insultos racistas, se virou para a torcida e bateu em seu braço em resposta a dizer que não tinha vergonha de sua cor. Então, o goleiro relatou as ofensas que havia recebido ao árbitro Wilton Pereira Sampaio que somente aos 42 minutos do segundo tempo, suspendeu a partida.

Os insultos racistas foram registrados pelo cinegrafista da ESPN Brasil que gravou o momento exato em que a torcedora gritava “macaco”. A rapidez com que as informações se multiplicaram nas redes sociais, sites e canais de televisão proporcionaram a rápida identificação de Patrícia Moreira. Dessa maneira, a torcedora gremista foi transformada na personagem central do caso de maior repercussão de racismo e injúria racial no futebol brasileiro em 2014.

Figura 1 – Goleiro Aranha no momento da insultra racista durante o jogo



Fonte: ESPN Brasil (2014)

Figura 2 – Torcedora foi identificada nas redes sociais



Foto: Roberto Vinicius/ELEVEN/Agência Estado

Figura 3 – Patrícia Moreira proferindo insultos racistas contra o jogador Aranha



Fonte: ESPN Brasil (2014)

As atitudes tomadas pelo jogador também fazem deste caso diferente dos demais, ao denunciar os insultos e também por não se prestar a participar das inúmeras tentativas de “encontros de perdão” apoiados pela imprensa com a agressora. Após os insultos racistas, Patrícia Moreira perdeu o emprego, passou a sofrer ameaças, teve a casa queimada por outros torcedores e por questões de segurança passou a viver com parentes.

Aranha falou à imprensa no dia do incidente e dizendo que “ (...) a torcida xingar e pegar no pé é normal. Mas daí começaram a falar “preto fedido”, “cambada de preto”, fiquei nervoso, mas fiquei me segurando. Fizeram rápido e pouco e um coro de macaco, para não dar tempo de pegar. Pedi para o câmera virar e mostrar, mas ele não fez isso. Fico p... Desculpe o palavrão. Com essas coisas acontecerem aqui. Mas isso dói, dói. Não é possível. Vem falar que eu estava insultando a torcida, virei e falei que eu era preto sim, negão sim. Sempre tem algum racista aqui no meio. Está dado o recado para ficar esperto para a próxima partida. Hoje tem leis, mas no futebol o torcedor usa de várias maneiras para desestabilizar os jogadores”.

Em setembro, a Polícia Civil do Rio Grande do Sul, indiciou pelo crime de injúria racial, além de Patrícia, outros três torcedores, Éder Braga, Fernando Ascal e Fernando Rytchter dos sete identificados. O Superior Tribunal de Justiça Desportiva

(STJD) em uma decisão inédita e unânime, puniu o Grêmio com a exclusão da Copa do Brasil que recorreu e teve a pena revertida em perda de pontos, mas, que mesmo assim, seguiu fora da competição além de ter sido multado em R\$ 54 mil (R\$ 50 mil referentes ao caso de injúria racial, R\$ 2 mil por um rolo de papel higiênico arremessado em direção ao gramado e outros R\$ 2 mil por atraso da equipe ao entrar em campo).

O procurador do STJD, Paulo Schmitt argumentou que o clube precisaria ser responsabilizado pelos atos de seus torcedores. Segundo ele: “[...] não se separa o clube e a torcida. Quem separa tenta desinformar a sociedade. Clube e torcida é uma coisa só. Quando o clube teve uma nova oportunidade, vaiou o goleiro, quando ele deveria ser aplaudido pela coragem, por trazer à tona o que a gente esconde debaixo do tapete.”

Em novembro de 2014, a Justiça suspendeu o processo de Patrícia e dos demais torcedores, o juiz Marco Aurélio Xavier, do Foro Central de Porto Alegre sugeriu que a punição atribuída aos torcedores seria que eles se apresentassem 30 minutos antes do início de cada partida do Grêmio e saíssem 30 minutos após o seu término.

O presidente do Grêmio Romildo Bolzan Júnior em reportagem ao site Globo Esporte.com do dia 28 de agosto de 2015 se manifestou dizendo que “na verdade, aquilo foi um ato de maiores injustiças contra um clube praticada pelo STJD, foi um ato de satisfação à mídia e algumas situações. Não dimensionaram o que o Grêmio fazia, as campanhas que o Grêmio fazia. Até hoje não me conformo com a decisão, achei que não foi jurídica, foi política. Por um colegiado que tem dificuldades para discernir, pessoas que votaram comprometidas com a situação”. (MOURA, Eduardo. Grêmio sente marca do caso Aranha e tem torcida hostilizada um ano depois, Globo Esporte.com, Porto Alegre, 28 de agosto de 2015).

O advogado de Patrícia Moreira, ainda na reportagem diz que sua cliente vem passando por dias muito difíceis. Teve a questão da exposição da imagem, depois a questão da tentativa de fogo na residência. Não conseguia sair para rua, entrou em depressão. Vive normalmente, até que aconteça um episódio ou outro e volte tudo à tona. Vai ter que andar na linha. Não se esquecendo que ela é jovem e erra. Bem,

todo mundo pode errar - afirmou o advogado. (MOURA, Eduardo. Pivô do caso Aranha volta a trabalhar, mas ainda sofre ameaça 1 ano depois. Globo Esporte.com, Porto Alegre, 27 de agosto de 2015).

Em reportagem ao site Globo Esporte.com em 18 de setembro de 2014, o Goleiro Aranha disse que nunca se sentiu tão mal num jogo de futebol. Criticou a torcida gremista, dizendo que "a maioria parecia concordar" com as ofensas racistas que sofreu. Desabafou ao afirmar que não daria "desculpas para esse povo, não". E, ao ser questionado sobre o pedido de perdão de Patrícia Moreira, a torcedora flagrada o xingando de "macaco", detonou: "Uma coisa é perdoar, abraçar. Ela está indo nos programas de televisão se explicar e cada vez piora a situação. A primeira coisa que faz é se explicar. Tentou chorar e não conseguiu. Uma coisa que não tem necessidade". (CREPALDI, Fabrício. Aranha desabafa e ironiza torcedora: "Tentou chorar e não conseguiu", Globo Esporte.com, Porto Alegre, 18 de setembro de 2014).

Patrícia Moreira precisou passar por algumas mudanças de visual, seja corte de cabelo e maneira de se vestir por diversas vezes na tentativa de se passar despercebida na população. Ela fez um acompanhamento com psiquiatra e tratamento para depressão. Ela ficará livre de sua punição pela injúria racial, mas, terá que conviver com a marca e com o rótulo de "racista" provavelmente pelo resto de sua vida. Por trás de todo este cenário, uma jovem tenta seguir com a sua vida após pagar pelo seu erro.

Figura 4 – Aparições da torcedora Patrícia Moreira

Aparições da torcedora Patrícia Moreira desde o ano passado	Data
Durante o jogo com o Santos, pela Copa do Brasil, a torcedora foi flagrada gritando "macaco".	28/08/2014
Patrícia se manifestou para a imprensa e pediu perdão ao goleiro Aranha, em pronunciamento de poucos segundos.	05/09/2014
A jovem e outras três pessoas fizeram um acordo na Justiça, o que suspendeu a ação e definiu a transação penal.	24/11/2014
Um homem incendiou a casa de Patrícia, que já havia deixado o local e permaneceu em lugar desconhecido.	12/09/2015
Depois de encontro na rua, a jovem postou foto com D'Alessandro, meia do rival Internacional. Foi ameaçada e registrou o boletim de ocorrência.	30/07/2015

Fonte: Globo Esporte.com (2015)

Em entrevista à Rádio Gaúcha em 02 de setembro de 2014, o ex-presidente do Grêmio, Luiz Carlos Silveira Martins, o Cacalo, que comandou o clube nos anos 90, saiu em defesa da torcedora.

De acordo como ele:

“(..) é o suprassumo do absurdo o que está acontecendo. Não tenho palavras para definir o que está acontecendo com o Grêmio. E não estou falando como gremista. Absolutamente não. Porque sou absolutamente contrário ao racismo. Tenho grandes amigos negros. “Negão”, está me ouvindo, sabe disso. Jamais fui ao estádio praticar ato de racismo. E se alguma vez o torcedor do Grêmio chamou a torcida do Inter de macacada, não chamou o negro do Internacional de macaco, chamou o “alemão” de macaco, chamou o branco, o italiano, que é colorado. Não chamou por ser um ato racista. Já disse isso 1 milhão de vezes, mas é entendido assim e eu vou me aceitar que seja entendido assim. Se o Grêmio for punido por um fato como esse, vão punir uma instituição de 110 anos, que não é racista”. (MARTINS, LUIZ CARLOS SILVEIRA, Rádio Gaúcha, 02 de setembro de 2014).

Segundo a reportagem publicada em 19 de fevereiro de 2016 no site Globo Esporte.com, os quatro réus do caso já podem voltar a frequentar estádios de futebol de acordo com despacho do titular do Juizado do Torcedor de Porto Alegre, Marco Aurélio Martins Xavier. Conforme nota publicada no site do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, foi encerrada a primeira fase do cumprimento da Suspensão Condicional do Processo, que tem dois anos de duração.

Com isso, Patrícia Moreira, Eder Braga, Fernando Ascal e Rodrigo Rychter não precisarão mais se apresentar a Delegacias de Polícia em dias de partidas do Grêmio. Eles ficam liberados para entrar na Arena, contudo, deverão cumprir outras exigências, como apresentar-se à Justiça a cada três meses e “não se afastarem da comarca em que residem por longos períodos”. (Réus do caso Aranha são liberados para frequentar estádios de futebol, Globo Esporte.com, Porto Alegre, 19 de fevereiro de 2016).

Caso Árbitro Márcio Chagas

O árbitro de futebol Márcio Chagas foi vítima de insultos racistas enquanto apitava uma partida entre Esportivo e Veranópolis em Bento Gonçalves no dia 05 de março de 2014 pelo Campeonato Gaúcho. O árbitro relatou que desde sua entrada em campo já havia ouvido ofensas, mas, que ao ir embora, encontrou bananas na lataria e no cano de descarga de seu carro, no estacionamento.

Segundo a vítima, os torcedores do Esportivo apesar de ganharem o jogo proferiram xingamentos como “macaco”, “teu lugar é na selva”, “volta para o circo”, “preto ladrão”, dentre outros. Essas ofensas foram percebidas no intervalo da partida.

O árbitro se manifestou a Rádio Gaúcha em reportagem publicada pelo site O Globo no dia 06 de março de 2014: “ infelizmente, está voltando à tona esse tipo de atitude por parte de alguns infelizes torcedores. Não posso generalizar, porque não foi toda a torcida do Esportivo, foram alguns torcedores que se manifestaram de forma racista desde o início, desde a entrada no campo, com gritos de “macaco”, “teu lugar é na selva”, “volta pro circo”, coisas deste tipo. Comuniquei ao policiamento que se isso não parasse eu iria relatar (na súmula). Quando comuniquei o policiamento, houve uma fúria total por parte dos torcedores.” (Globo Esporte.com, Árbitro denuncia ter sido vítima de racismo no Sul, 06 de março de 2014).

Segundo ele, desde a entrada no gramado na Montanha dos Vinhedos, ouviu ofensas. E, ao ir embora, encontrou as bananas em seu carro, no estacionamento. A direção do Esportivo, clube mandante da partida, está reunida e se manifestará oficialmente até o fim da tarde. “Eu me senti muito mal, bem decepcionado, porque a gente sai de casa sempre para fazer o melhor trabalho possível. Lógico que os erros da arbitragem vão acontecer, e não foi motivo para que tivesse acontecido tudo isso dessa forma negativa, porque, se forem buscar as imagens e até as análises da partida, não há lances contestáveis pra que pudesse acontecer uma manifestação tão negativa como foi dessa forma. E até meu questionamento aos meus colegas no término da partida foi... isso porque a equipe do Esportivo venceu a partida, imagine se fosse ao contrário. De repente colocariam fogo no meu carro? Invadiriam o vestiário?” – argumentou árbitro a reportagem.

O vice-presidente jurídico do Esportivo teve a coragem de garantir que as fotos do carro repleto de bananas não haviam sido tiradas dentro das dependências do clube, e prometeu apenas averiguar o caso. Posteriormente, o Esportivo foi penalizado pelo Tribunal de Justiça Desportiva do Rio Grande do Sul com a retirada de nove pontos, o que causou o seu rebaixamento.

Na reportagem publicada em 04 de julho de 2014 na edição online da Rádio Gaúcha, a Polícia Civil de Bento Gonçalves encerrou o inquérito sobre o caso sem indiciar os responsáveis. De acordo com a delegada Maria Isabel Serman, a investigação e os materiais disponíveis não possibilitaram a identificação de nenhum dos envolvidos.

O caso segue para análise do Ministério Público e pode ser reaberto pela promotoria. Aposentado da arbitragem para ser comentarista esportivo na RBS TV, Márcio Chagas lamentou o parecer do inquérito: “ sinceramente, eu fiquei bem chateado por não terem identificado ninguém. Os valentes tiveram coragem pra fazer toda aquela confusão, aquela agressão, mas na hora de assumir ninguém foi homem. Fico chateado com relação à questão do inquérito policial porque não teve uma punição exemplar. Fico tranquilo porque eu fiz minha parte em ter denunciado, afirmou na entrevista. (MAPELLI, Suellen. Polícia conclui inquérito sobre o caso Márcio Chagas sem indiciamentos. Edição online da Rádio Gaúcha, Porto Alegre, 04 de julho de 2014).

O site Globo Esporte.com ouviu em 14 de abril de 2015 pessoas ligadas ao clube Esportivo, de Bento Gonçalves um ano após o episódio envolvendo o árbitro Márcio Chagas. O clube tenta driblar obstáculos financeiros com a Divisão de Acesso e evitar uma nova queda para a terceira divisão.

Após o rebaixamento com o incidente racista, o clube vive uma série de episódios negativos, primeiramente foi na imagem. Não necessariamente do clube, mas, da comunidade, argumenta o presidente Luis Oselame tentando desfazer a idéia: “não temos isso. Temos 70% de negros no grupo. Foi um fato isolado. Mas não posso negar. A situação nos deixou triste. Foi muita notícia negativa. Por causa do Esportivo muita gente falou mal de Bento Gonçalves. O preconceito está em todo

lugar. Isso nos prejudicou demais. Houve um afastamento. A imagem se forma e para você mudar...É preciso fazer um trabalho e passar um tempo para que as pessoas compreendam. Não segregamos ninguém.”

O que mais afetou o clube foi o lado financeiro, com a perda de parceiros e da diminuição da verba recebida pela Federação Gaúcha de Futebol, tendo como consequência um orçamento e uma folha de salário menor. O episódio do racismo influenciou e afastou a torcida, argumento Valdir Espinosa, ex-técnico do time. (HAMMES, Tomás. Clube rebaixado por racismo há 1 ano pena sem verbas e pode cair de novo, Globo Esporte.com, Porto Alegre, 14 de abril de 2015). No dia 29 de julho de 2016 o processo criminal do caso de racismo envolvendo o árbitro Márcio Chagas foi arquivado.

Caso Jogador Arouca

No dia 07 de março de 2014 durante a 12ª rodada do Campeonato Paulista, o volante Arouca foi chamado de “macaco” pela torcida durante o jogo entre Santos e Mogi Mirim, na qual o time santista saiu vencedor. O caso de racismo foi registrado pela rádio da ESPN. As manifestações racistas foram flagradas pelos repórteres presentes no local. “Isso é bom nem ouvir, né, nem dar ouvidos a essas pessoas, se é que dá para chamar isso de pessoas. Situação hoje em dia é difícil comentar, isso não acontece só no meio do futebol. Espero que alguém possa tomar uma providência muito severa, porque isso é lamentável”, disse Arouca à rádio ESPN, logo após ser ofendido. (Arouca é chamado de “macaco” após vitória dos Santos, Jornal O Estado de São Paulo, 07 de março de 2014).

Segundo a rádio, o grito teria partido de três torcedores que estavam nas arquibancadas do estádio em Mogi. A ofensa aconteceu quando o volante dava entrevista após a vitória. Ele ameaçou acionar a Polícia Militar, mas recuou, preferindo não dar importância ao acontecido, apesar de ter demonstrado tristeza.

Em reportagem ao jornal O Estado de São Paulo no dia 07 de março de 2014, o presidente da Federação Paulista de Futebol (FPF), Marco Polo Del Nero dirigente prometeu que a FPF, que controla o futebol estadual, lutará para aplicar uma

punição ao clube do interior paulista: "da nossa parte, faremos o possível para que mais este caso de desrespeito ao próximo e ao ser humano, de modo geral, não fique impune, já que temos elementos para tal por meio do nosso Tribunal de Justiça Desportiva, que prevê punição ao clube mandante com multa e até perda do mando de campo", afirmou Del Nero. (Atos de racismo contra Arouca serão comunicados ao TJD, Jornal O Estado de São Paulo, Agência Estado, 07 de março de 2014).

A FPF também ressaltou que a entrega das provas ao TJD pode representar uma "possibilidade de dar o exemplo ao mundo do futebol que, infelizmente, tem registrado diversos casos semelhantes nos últimos meses".

O Mogi Mirim foi impedido de utilizar o Estádio Romildo Ferreira, o local foi interditado após ofensas racistas da torcida do Mogi Mirim contra o volante Arouca, decisão está tomada pelo TJD. Inconformado com a decisão, o Mogi Mirim promete recorrer da decisão e liberar o estádio. Em 24 de março de 2014, o Tribunal de Justiça Desportiva de São Paulo (TJD-SP) julgou o caso e puniu o time em uma multa de R\$ 50 mil para o time, que continuou com o estádio interditado.

4.3 – Casos marcantes de Racismo e Injúria Racial no futebol brasileiro em 2015

Trataremos sobre os casos de racismo e injúria racial no futebol brasileiro ocorridos no ano de 2015 com o Goleiro Aranha, o jogador Arouca e Michel Bastos. Estes casos marcantes têm em comum, o meio pelo qual as agressões foram cometidas: a Internet.

Caso Goleiro Aranha

De acordo com a reportagem publicada no jornal Estado de São Paulo do dia 21 de janeiro de 2015, depois de ser chamado de "macaco" pela torcida do Grêmio, em agosto do ano passado, o goleiro Aranha sofreu novamente injúrias racistas. No entanto, desta vez, com um agravante: os xingamentos vêm dos torcedores do próprio Santos, clube que ele defende. Desde a semana passada, os insultos estão sendo

publicados em uma comunidade de torcedores santistas, um grupo fechado, em uma rede social (Facebook).

Os comentários fazem parte de conversas de torcedores e não enviadas para o jogador. Alguns torcedores xingam o jogador; outros, condenam as injúrias raciais. A identidade dos torcedores foi preservada por questões legais.

"Vai tomar no c..., Aranha, seu macaco, do c...Sempre tive vontade de xingar esse ..., agora tive a chance", diz uma mensagem. "Aranha cagou na saída e já era, preto safado, e sem mimimi!, diz outra ofensa. Outras são ainda mais agressivas: "Chamar o aranha de macaco é ofender o pobre macaco! Tem preto que é pior do que macaco, inclusive esse Aranha, goleiro lixo, e sem caráter! "Racismo é imperdoável. Fazem várias montagens do Aranha no corpo do Péricles do Exalta (por conta da forma física, já que o goleiro anda fora de forma...até aí, tudo bem). Mas chamar de macaco, e fazer montagens de cunho racista? Aí, não dá. Um erro não justifica o outro", defende um torcedor, contrário ao racismo. (JÚNIOR, Gonçalves. Goleiro Aranha sofre insultos racistas dos próprios santistas, Jornal O Estado de São Paulo, 21 de janeiro de 2015).

As ofensas foram motivadas pelo fato de o goleiro ter acionado a Justiça do Trabalho para cobrar três meses de salários atrasados, direitos de imagem e recolhimento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). O jogador tenta rescindir seu contrato para se transferir, provavelmente, para o Palmeiras.

Caso Jogador Arouca

Em reportagem publicada no jornal A Folha de São Paulo no dia 13 de março de 2015, novamente um caso de racismo se repete com um jogador com uma diferença de 01 ano e 5 dias. O volante Arouca, agora no Palmeiras, foi vítima de injúria racial após uma partida de futebol contra o time santista.

"Chupa preto safado, fica nesse time aí de segunda", escreveu, em seu perfil em uma rede social (Twitter) uma pessoa que se identifica como Mallone David Moraes. A foto do perfil na rede social mostra ele vestindo a camisa do Santos. O torcedor possui vários perfis no Twitter e no Facebook. A conta usada para ofender Arouca foi

apagada. Nas redes sociais, Mallone identifica-se como um corredor amador de kart, associado à federação paulista da modalidade. Ele é muito ativo em comunidades ligadas ao clube alvinegro, onde demonstra fanatismo pelo Santos. E parece ter predileção por ofensas a palmeirenses.

Figura 5 – Print do momento da agressão



Fonte: Twitter/Reprodução (2015)

No dia 11 de março de 2015, a equipe santista venceu o Palmeiras por 2 a 1, com Arouca em campo enfrentando seu ex-time. Arouca reagiu à ofensa. No Facebook, expôs seu detrator, inclusive com a reprodução da foto de seu perfil. "O preconceito é um mal silencioso, que visa afetar as pessoas, que mostra sua cara de maneira covarde (quando essa cara é mostrada) ... independente de qual for: raça, religião, sexo, enfim. Não é à toa que vemos, cada vez mais, casos de depressão e de insegurança entre pessoas que sofrem com isso", escreveu o jogador. (SABINO, Alex e LIMA, Iwata Diego. Arouca é vítima de racismo novamente, Jornal A Folha de São Paulo, edição online, 07 de março de 2015)

Mais tarde, em entrevista no centro de treinamento do Palmeiras, que já estava agendada antes do episódio, o jogador foi mais veemente. "É mais um idiota querendo aparecer", disse. Instado a falar mais sobre o tema, Arouca, que não parecia à vontade, continuou: "Comigo é a segunda vez [que isso ocorre], mas a gente vê acontecendo no dia a dia. É lamentável. Se continuar falando sobre isso, vou me desgastar muito mais. Já me desgastei da última vez e a punição foi mínima. A pessoa não foi punida", disse.

Nesse caso mais recente, como a ofensa não aconteceu em uma praça desportiva (estádio ou ginásio), o Santos não corre risco de punição.

Caso Michel Bastos

De acordo com a reportagem publicada na edição online da Revista Veja do dia 02 de novembro de 2015, o meia Michel Bastos do São Paulo Futebol Clube foi vítima de comentários racistas em seu perfil em uma rede social (Instagram).

Um seguidor do jogador no Instagram disse em uma das mensagens: "Macaco negro safado, respeita a torcida. Otário vagabundo, faz por merecer o dinheiro que recebe". O próprio Michel Bastos tirou um "print" da mensagem e postou na sua conta: "Tenho que ficar quieto ainda?". O jogador não falou se pretende denunciar a conta que escreveu mensagens racistas para ele.

Figura 6 - Print da rede social do jogador Michel Bastos



Fonte: Edição online da Revista Veja (2015)

Michel Bastos vinha sendo vaiado no duelo contra o Sport até marcar o seu gol, no segundo tempo de partida. Na comemoração, ele colocou o dedo indicador na boca pedindo silêncio aos torcedores. Ele recebeu muitas críticas pelo gesto e depois pediu desculpas. "Quero me desculpar com o torcedor do São Paulo que se sentiu desrespeitado pelo que fiz ontem no Morumbi. Errei ao fazer o gesto de silêncio, nada justifica isso, mas foi uma reação desmedida que acabei tendo por não concordar com quem vai ao estádio vaiar a própria equipe. Já aconteceram situações pareci-

das anteriormente e eu consegui lidar bem, mas acabei explodindo dessa vez e tendo essa atitude que, reitero, não é a correta", disse o meia. (Michel Bastos é vítima de racismo após mandar torcida se calar. Edição online da Revista Veja – veja.com, 02 de novembro de 2015).

4.4 – Casos marcantes de Racismo e Injúria Racial no futebol brasileiro em 2016

No ano de 2016, elencamos dois casos marcantes de racismo e injúria racial no futebol brasileiro: o caso do Jogador Tchê Tchê do Palmeiras e do jogador Jeff Silva, do Hercílio Luz.

Caso Jogador Tchê Tchê

O jogador Tchê Tchê que é volante do Palmeiras, foi vítima de injúria racial no dia 14 de agosto de 2016 durante a partida contra o Atlético Paranaense na Arena da Baixada. De acordo com a reportagem publicada no site da Globo Esporte.com no dia 15 de agosto, quando os jogadores do Verdão entravam em campo, um torcedor do Furacão gritou na direção do jogador dizendo: "Macacada", Tchê Tchê macaco". O momento foi registrado pela TV Palmeiras. O jogador imediatamente se virou na direção do torcedor, mas depois seguiu para o gramado, sem esboçar mais nenhuma reação.

A injúria não foi registrada em súmula pelo árbitro da partida, mas a assessoria de imprensa do STJD informou que a procuradoria já está ciente e avalia a situação para, caso ache necessário, ingressar com uma queixa junto ao STJD. O delito cometido pelo torcedor se enquadra como Injúria Racial, destacado no artigo 140, parágrafo 3º, do Código Penal que prevê a reclusão de um a três anos e multa, que corresponde ao tipo de violência cometida.

A reportagem tentou ouvir Tchê Tchê, mas a assessoria do jogador informou que ele não vai se pronunciar sobre o assunto. O Palmeiras emitiu nota oficial repudiando o ato, cobrando punição ao agressor e prometendo auxílio ao jogador caso ele queira

tomar alguma atitude. O Atlético-PR não respondeu. (Tchê Tchê sofre injúria racial durante jogo no Paraná; Verdão pede punição, Globo Esporte.com, 15 de agosto de 2016)

Este caso nos remete ao vivido pelo goleiro Aranha em 2014. À época, a decisão do STJD foi pela exclusão do time Gaúcho da Copa do Brasil e ainda a aplicação de uma multa.

O Atlético Paranaense se pronunciou pela primeira vez sobre o caso no dia 15 de agosto, de acordo, com a reportagem divulgada pelo site Uol Esportes, na figura de seu presidente o Sr. Luiz Salim Emed que prometeu adotar as medidas após se inteirar totalmente sobre o caso: "ainda não estou sabendo de nada. Se eu tiver acesso às imagens e identificar, todas as medidas vão ser tomadas. Eu, como presidente, como cidadão, e também segundo os princípios do clube Atlético Paranaense, considero isso inaceitável. Não dá para aceitar" declarou o dirigente. (MATOS, de Edgar e DE VICO, Marcello, TV Palmeiras flagra ato racista contra Tchê Tchê no Paraná, Uol Esportes, 15 de agosto de 2016).

O desdobramento do caso se deu quando o STJD denunciou o Atlético-PR por injúria racial. O clube pode receber multa de R\$ 100 a R\$ 100 mil. Na denúncia, o STJD explica que, embora a conduta tenha sido praticada por um torcedor, a pena é atribuída ao clube, que é responsável pelo comportamento de seus seguidores. O clube foi acusado de infringir o artigo 243-G do CBJD, que define como crime "Praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência". O CBJD determina que se a infração fosse praticada "por considerável número de pessoas", o clube seria "punido com a perda do número de pontos" e que, se não fosse possível tirar pontos, seria excluído do campeonato.

A reportagem publicada em 03 de outubro de 2016 no site Globo Esporte.com mostra que o Atlético-PR teve a multa dobrada como punição no caso de injúria racial ao jogador Tchê Tchê. O valor da multa havia sido de R\$ 10 mil definido no primeiro julgamento passou para R\$ 20 mil.

O relator do processo Otávio Noronha e o procurador-geral do STJD, Felipe Bevilacqua, sugeriram o aumento da multa e que ela seja destinada para ações de marketing em campanha contra a injúria racial nas partidas em que o Atlético/PR for mandante. A decisão de que o Atlético-PR impeça o torcedor de frequentar a Arena da Baixada por 720 dias foi mantida. (Atlético – PR teve multa dobrada em caso de injúria racial contra Tchê Tchê, Globo Esporte.com, Curitiba, 03 de outubro de 2016).

Caso Jeff Silva

Jefferson Silva, mais conhecido como Jeff Silva, ex-jogador do Avaí e do Náutico relatou ter sido chamado de “macaco” por um torcedor durante a partida entre Hercílio Luz (time que defende atualmente) e Tubarão pela segunda divisão do Campeonato Catarinense em 25 de setembro de 2016. De acordo com o jogador, quando o seu time estava perdendo por 2 a 0, um torcedor começou a chamá-lo de “macaco”.

O jogador olhou em direção ao torcedor que o acusava e, o mesmo, repetiu o insulto. Jeff Silva relatou em uma rede social como tudo aconteceu: “Eu estava no jogo e a torcida do clube adversário me xingando. Até ai tudo bem, faz parte do jogo. Por diversas vezes eu sofri preconceito, principalmente no Leste Europeu, e fiquei calado, preferi deixar pra lá. Agora, no meu país, uma pessoa se é que dá para chamar assim, me chamou de “macaco” e repetiu “macaco”. Sem acreditar, perguntei para ele: eu sou “macaco”? e discuti com ele. O jogador registrou o Boletim de Ocorrência após o jogo e a polícia ficou de identificar o agressor.

Em 17 de dezembro, o STJD finalmente deu fim ao caso de racismo por qual foi denunciado o Tubarão. Foi dada uma multa de R\$ 5 mil ao time do Sul de Santa Catarina por conta do que aconteceu com o meia no clássico entre as duas equipes.

Depois de ser absolvido em todas as instâncias do TJD-SC, o Peixe finalmente recebeu alguma punição. Quem recorreu todas as vezes foi o procurador em forma de recurso voluntário. A multa aplicada ao Tricolor de Tubarão foi dada por unanimidade de votos. O valor vai ser revertido à Chapecoense por conta do desastre aéreo envolvendo a equipe do Oeste, de acordo, com a publicação no site Observatório da

Discriminação Racial no Futebol. (STJ aplica multa de R\$ 5 mil ao Atlético Tubarão por caso de racismo, Observatório Racial do Futebol, 17 de dezembro de 2016).

4.5 – O Impacto da Informação Esportiva nos casos de Racismo e Injúria Racial no futebol brasileiro

O futebol é um dos maiores e mais fortes refúgios do racismo e do preconceito racial. De acordo com a reportagem publicada pelo site Carta Capital e produzida pelo Deutsche Welle de 03 de setembro de 2014, onde o historiador Luiz Carlos Ribeiro, da Universidade Federal do Paraná, diz que o ato de torcer em meio a uma multidão faz com que sentimentos que são controlados no convívio social cotidiano acabem expostos. Assim, o racismo presente na sociedade acaba aparecendo nos gramados.

"O racismo existe na sociedade, não é uma patologia do futebol, é uma doença social presente em toda a sociedade", reforça o pesquisador, que coordena o grupo de estudos Futebol e Sociedade da universidade. No êxtase da torcida, alguns torcedores parecem se esquecer que estão num lugar público e, sentindo-se protegidos pelo anonimato, acabam tendo atitudes que normalmente não teriam. Percebe-se o quanto o futebol é impactado pelas informações e, como as informações de caráter esportivo passam a ter um peso tão importante. Telles e Silveira (2011) lembram que o futebol, dadas suas características, é um nicho de comunicação por excelência.

De acordo com Mulin, Hardy e Sutton (2004), existem três formas básicas de envolvimento com o esporte: comportamental, cognitivo e afetivo. (...) o futebol torna-se uma escola na qual se aprende a lidar com "agressividade, competição, inveja, depressão, orgulho, vaidade, humilhação, amizade, rivalidade, fingimento, traição e solidariedade" (REIS, 1998, p. 48). E esses sentimentos são notórios aos torcedores e as torcidas e, em muitos momentos, acabam sendo expressados de maneira preconceituosa e racista.

O impacto desta informação esportiva pode ser visto nas consequências e desdobramentos que tomaram os casos de racismo e injúria racial mostrados nesta pesquisa. Um grande exemplo é o desdobramento dos casos que envolveram o Goleiro Aranha, que foi vítima por dois anos seguidos de ofensas e injúrias raciais (2014 e 2015) por parte da torcida.

Na reportagem dada ao site Globo Esporte.com em 10 de setembro de 2014, o ex-jogador Pelé comentou o episódio de racismo sofrido pelo Goleiro Aranha em Porto Alegre. O Rei disse que é importante combater o racismo, mas condenou a atitude do jogador, que reagiu aos gritos de "macaco" vindos da arquibancada. O clube gaúcho foi julgado e excluído da Copa do Brasil por conta do episódio. Segundo ele, o "Aranha se precipitou em querer brigar com a torcida. Se eu fosse querer parar o jogo cada vez que me chamassem de macaco ou crioulo, todos os jogos iriam parar. O torcedor grita mesmo. Temos que coibir o racismo. Mas não é num lugar público que você vai coibir. O Santos tinha Dorval, Coutinho, Pelé... todos negros. Éramos xingados de tudo quanto é nome. Não houve brigas porque não dávamos atenção. Quanto mais se falar, mais vai ter racismo".(BALTAR, Marcelo. Pelé faz crítica a Aranha: "Quanto mais se falar, mais vai ter racismo". GloboEsporte.com, Rio de Janeiro, 10 de setembro de 2014).

Em reportagem ao site Uol Esportes, no dia 17 de junho de 2016, o goleiro Aranha afirmou que o episódio de racismo do qual ele foi vítima em 2014, durante um jogo entre Grêmio e Santos, influenciou para que ele ficasse tanto tempo desempregado. Para ele, a repercussão do caso dificultou a busca por um novo clube após a saída do Palmeiras, no fim do ano passado, hoje recém-contratado pelo Joinville após passar seis meses sem clube: "Seria muito cruel da minha parte dizer que eu passei por esse período sem clube por causa disso, e também não posso dizer que não foi por causa disso", disse Aranha, 35 anos, ao programa "Esporte Fantástico", da Record.

"Fiz valer os meus direitos naquele jogo do Grêmio. Não fiz nada mais do que isso, de maneira alguma eu quis prejudicar o Grêmio. Eu não fiz nada contra o Grêmio, nada. O que eu fiz foi contra as pessoas que cometeram um crime, que cometeram

injúrias", disse Aranha. "Se eu tivesse cometido aquele tipo de crime eu também pagaria, e talvez pagaria mais caro, com dinheiro, sei lá. Seria muito mais pesado do que isso, mas eu só exigi os meus direitos, nada mais do que isso", defendeu-se.

O goleiro falou ainda que seu caso ganhou muita repercussão por ele se tratar de uma pessoa pública, mas que o racismo é algo cotidiano no Brasil e que precisa de um combate diário. (Aranha diz que episódio de racismo dificultou busca por clube, Uol Esportes, São Paulo, 17 de junho de 2016).

Figura 7 – Desempregado, Aranha diz que racismo atrapalha sua carreira



Fonte: Uol Esportes (2016)

Figura 8 – Aranha diz que episódio de racismo dificultou busca por clube

Aranha diz que episódio de racismo dificultou busca por novo clube 🗨️ 82

Do UOL, em São Paulo
17/06/2016 | 15h44

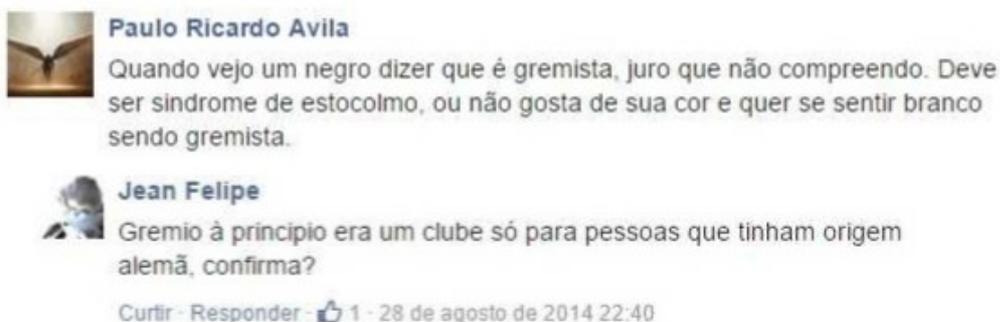


Felipe Oliveira/Getty Images



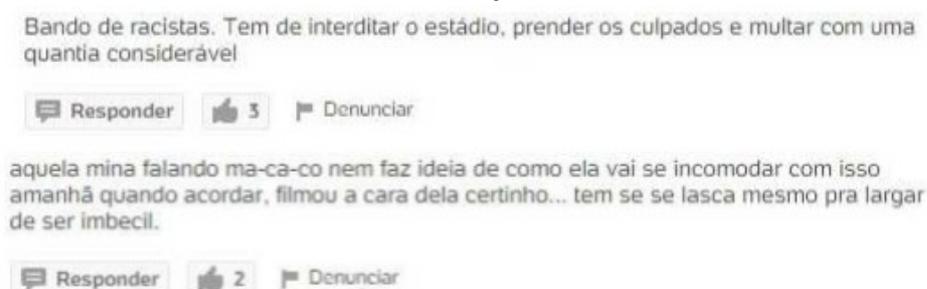
Fonte: Uol Esportes (2016)

Figura 09 – Comentários dos internautas após as ofensas contra Aranha em 2014



Fonte: Globo Esporte (2014)

Figura 10 – Comentários dos internautas após as ofensas contra Aranha em 2014



Fonte: Uol Esportes (2014)

Os “prints” dos comentários ao fim de cada notícia em 2014 mostram dois posicionamentos diferenciados: o posicionamento a favor do jogador e contra o racismo e a discriminação no esporte pedindo a prisão e a punição dos agressores e, levantando a bandeira de um esporte igualitário e justo para todos e o posicionamento “tradicional”, conservador que refuta toda e qualquer tentativa de afirmar a existência do racismo.

Segundo a reportagem publicada no site da Espn.com.br em 30 de agosto de 2014 chamar de “macaco” e imitar animal são coisas comuns na Arena do Grêmio. Na capital gaúcha, os fãs, torcedores do Internacional são chamados pela torcida rival de “macacos”.

Não falta quem recorra ao passado em que os torcedores do Inter subiam em árvores para acompanhar os jogos colorados com o início de toda a controvérsia. Houve uma época em que a própria diretoria no Beira-Rio deixou de lado o tradicional Saci e escolheu como novo mascote um macaquinho. Decidido em votação, ele acabou sendo batizado de Escurinho, ídolo negro da década de 90.

O costume da torcida, contudo, obviamente, não explica o que aconteceu na noite do dia 29 de agosto de 2014 quando os gritos eram direcionados a somente um jogador, Aranha: "Não tem e nunca terá justificativa alguma. O que é comum não necessariamente é bom. Só é importante destacar que é uma parte pequena da torcida que ainda carrega isso. O racismo ficou exposto no jogo contra o Santos e espero que sirva de lição. Que sejam identificados e punidos, e que nunca mais voltem ao estádio".

"Mas, mesmo quando não é necessariamente preconceituoso, é horrível. Mesmo quando não tem, carrega esse tom racista, horroroso. É uma coisa que já tinha que ter acabado. Envergonha o torcedor. Não tem nada a ver com o clube. É como em São Paulo, quando chamam o Palmeiras de "porco". Virou uma coisa entre as duas torcidas". finalizou Léo Gerchmann, repórter da Zero Hora e pesquisador da história do Grêmio. (MATTOSO, Camila e ALVES, Marcus. Chamar de macaco e imitar animal são coisas comuns na Arena do Grêmio, espn.com.br, 30 de agosto de 2015).

Figura 11 – opiniões de torcedores após a notícia



"Combater o racismo nos estádios é uma forma poderosa de combater o racismo na sociedade." Não mesmo! O comportamento e a educação na sociedade não vai melhorar do futebol para fora, é ao contrário, e isso é bem óbvio!

Outra coisa, se eu chamar um branco de macaco não tem problema né? A preocupação maior é proibir a pessoa de falar certa palavra, e não dela mudar os seus conceitos intrinsecamente. É óbvio que a garota falou aquilo no embalo do momento, ou vocês acham que se o Zé Roberto fizesse um gol ela não comemoraria? Além do mais, se eu chamar alguém de macaco não é necessariamente pela pessoa ser negra, por exemplo, quando meus amigos(brancos e negros) fazem alguma palhaçada ou idiotice eu digo que eles estão fazendo macaquice, são macacos(então nesse caso os amigos brancos serem chamados de macacos não há problema, mas com os negros há só pelo fato de serem negros? estarei eu sendo racista?)

O "macaco!" da garota era só mais um xingamento de estádio, assim como o juiz filho da p*ta, o viadinho e etc. Será que se um torcedor gritar "gaúcho viado" para algum jogador e ele de fato for gay, isso vai acarretar na exclusão do time do torcedor?

Sigo com meu pensamento de que a exclusão do Grêmio do torneio foi absurda, assim como a repercussão do caso foi desproporcional, aqui as pessoas se escandalizam mais com xingamentos em um estádio do que os mais de 50.000 homicídios por ano no nosso país.

Fonte: site do Trivela (2014)

Segundo o jornalista Leandro Beguoci em uma publicação no site Trivela no dia 02 de setembro de 2014, intitulada: "Porque chamar negro de macaco é racismo"? Ao chamar um negro de macaco, você está fazendo uma associação entre um humano e um não-humano. Essa associação é feita, principalmente, por causa da cor. Ao fazer essa associação, grosso modo, você está dizendo que um negro está um passo abaixo na escala da evolução. Afinal, você está chamando a pessoa de macaco. Portanto, você está dizendo que negros são animais. Animais têm menos direitos do que homens.

Chamar alguém de macaco, hoje, é dar uma contribuição cruel à desumanização dos negros. Mesmo sem pensar, a torcedora do Grêmio se somou aos racistas de todo o planeta que adorariam ver uma sociedade segregada entre gente de cores diferentes. ("Porque chamar negro de macaco é racismo", site Trivela, 02 de setembro de 2014).

Em coluna no jornal Correio do Povo, o jornalista Juremir Machado da Silva mencionou que:

Há sempre um ponto de virada. O imaginário é uma infiltração que produz um novo acúmulo até resultar num transbordamento. Foi o que aconteceu. Se um dia foi “tolerado” usar a palavra macaco, se os torcedores do Internacional com humor incorporaram o termo, hoje não dá mais. Outras expressões, como “negro fedido”, jamais deixaram de ser o que são: racismo. O episódio com o goleiro santista Aranha foi a famosa gota de água. (CORREIO DO POVO, 2014).

Capítulo V - Conclusão

As reflexões produzidas durante a elaboração deste trabalho e os dados apresentados, nos mostram que o racismo e a injúria racial no futebol brasileiro não acabaram, ao contrário, os casos que envolvem esta temática nunca estiveram tão em evidência quanto após os anos 2014 a 2016. Em momentos de conflitos, o instrumento utilizado no jogo é a “cor”, seja no intuito de desestabilizar o adversário ou ofender o jogador.

O Brasil é retratado através do futebol e deixa a mostra suas características e mazelas. Mesmo que de maneira sutil, o racismo, o preconceito e a injúria racial aparecem na sociedade e refletem no esporte. E ter os atos de preconceito divulgados pela mídia é relevante para tornar a informação visível e disponível para todos atribuindo a está um caráter esportivo. Bitencourt (2013, p.58) afirma ainda que “o conceito de informação esportiva está diretamente relacionado ao ambiente (...) e, assim, a informação pode ser compreendida, apropriada e usada e acordo com o indivíduo ou instituição que está interagindo com a mesma”.

Ainda visto como algo inerente a partida de futebol, as ofensas racistas, os gritos da torcida e os xingamentos são tratados e expostos pelos meios de comunicação como uma reação desesperada ou natural do torcedor e acabando passando despercebidas e, muitas vezes nem são registradas na súmula do árbitro. A falta de punição inibi as denúncias pelos jogadores o que acaba favorecendo e fortalecendo

o comportamento preconceituoso e racista. Meramente a divulgação não irá impactará na informação esportiva. É necessário que haja uma mudança de paradigmas, que haja de fato uma construção e disseminação coerente e constante dos conceitos e das consequências do racismo e da injúria racial.

Mesmo sendo crime, o racismo é enxergado através de uma ótica simplista e ingênua pelos magistrados, visto a dimensão das penalidades abordadas neste trabalho. Pois, os meios de comunicação e a mídia incentivam a reprodução e reafirmação do preconceito racial, quando encobrem os acontecimentos e reforçam os estereótipos contra jogadores e torcedores. Além de denunciar, é necessário discutir, tratar e coibir o racismo e a injúria racial no futebol brasileiro. A luta contra o racismo não pode ser destinada ao jogador X ou Y e, sim, a todos os negros que compõem o universo do futebol brasileiro.

Não basta combater o racismo no meio acadêmico, social educacional, é necessário agir no ambiente prático e técnico do esporte para que possamos eliminar ou amenizar gritos como “macaco preto”, “preto ladrão”, “macaco fedido”, imitações de macaco e bananas arremessados ao campo.

Na maioria dos casos apresentados neste trabalho, houve uma grande repercussão da mídia e, até um certo exagero na maneira como as informações foram tratadas mas, o fato é que o espaço para o debate e para a tolerância, o respeito e a igualdade é longo e árduo mas trará excelentes resultados e influenciará a grande paixão nacional, o futebol brasileiro.

Capítulo VI - Referências

ALCOBA, A. Deport y Comunicacion. Spain: Dirección General de Deportes de la Comunidad Autónoma de Madrid, 1987.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de, FERRAZ, Simone Cassoli, NOGUEIRA, Mônica, GALHARDO, Willian e RIBEIRO, Karoline. Aspectos contemporâneos do esporte: o sujeito e a racionalização”. In: M. A. B. ALMEIDA, A. S. SILVA e F. CORRÊA (orgs.), Psicologia política debates e embates de um campo Interdisciplinar. São Paulo: EACH/USP. p. 137-148. 2012.

ALLPORT, Gordon. The nature of prejudice. Boston: The Beacon Press, 1954.

ASSUMPÇÃO Luis Otávio Teles, SAMPAIO Tânia Mara Vieira, CAETANO Juliana Naves Neves, CAETANO JÚNIOR Marco Antônio e SILVA Junior Vagner Pereira. Temas e questões fundamentais na Sociologia do esporte”. Brasília. Revista Brasileira de Ciência e Movimento.v. 18 n. 2 p. 92-99. Acesso em 16 de abril de 2017.

BITENCOURT, J. C. F. Gestão Da Informação Esportiva No Contexto Da Inteligência Competitiva Em Clubes De Futebol: Um Estudo De Caso No Marília Atlético Clube. 2013. 325 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013. Acesso em 17 de abril de 2017.

BOTELHO Maria Antonia, MONTEIRO, Ana Maria, VALLS, Valéria. A gestão do conhecimento esportivo: a experiência da biblioteca da Seme. Revista Ciência da Informação, Brasília, v. 36, n. 1, p. 175-188, jan./abr. 2007.

BOURDIEU, Pierre. 1983. Questões de sociologia. Rio de Janeiro, Marco Zero.

BOURDIEU, Pierre. 1990. “Programa para uma sociologia do esporte”. In: _____. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense. _____. 1983. “Como é possível ser esportivo?”. In: _____. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero.

- CALDAS, Waldenyr. O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro. São Paulo: IBRASA, 1990, p. 24.
- CARMONA, L; POLI, G. Almanaque do futebol. Casa da Palavra: COB, 2006.
- DIGEL, H. Sport in a Changing Society: Sociological Essays. Schornodorf: Hofmann, 1995.
- ELIAS, Norbert. e DUNNING, Eric. A busca da excitação. Lisboa: DIFEL. 1985.
- ELIAS, N. O processo civilizador. Trad. Ruy Jungmann. R. de Janeiro: Jorge Zahar, 1990/93. 2v.
- GORDON JR., C. “Eu já fui preto e sei o que é isso” – história social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. In: MURAD, M. (Org.). Pesquisa de campo. Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 1996.
- GUIMARÃES, A. S. A. Preconceito de cor e racismo no Brasil. In: Revista de Antropologia, v. 47. São Paulo: USP, 2004.
- GODOY, A . S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai/jun, 1995.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HATJE, Marli. Grande Imprensa: Valores e/ou características veiculadas por jornais brasileiros para descrever a participação da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1998: Tese (Doutorado em Educação Física). Santa Maria: PPG/Ciência do Movimento Humano, Centro de Educação Física e Desporto, UFSM, 2000.
- Jones, J. M. (1972). Prejudice and racism. Reading, Massachusetts: Addison Wesley.
- LAKATOS, Maria Eva. MARCONI, Maria De Andrade. Metodologia do Trabalho Científico /4 Ed-São Paulo. Revista E Ampliada. Atlas, 1992. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Pesquisa. In: Técnica de pesquisa. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1996. cap. 1, p. 15-36.

LUCENA, Ricardo. "Elias: individualização e mimesis no esporte". In: PRONI, M., LUCENA, R., Esporte: história e sociedade. Campinas, SP, Autores Associados, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MURAD, Maurício. Considerações possíveis de uma resposta necessária. Estudos históricos, n. 24, 1999.

OLIVEIRA, Altemir. 2008. "A participação do atleta negro no esporte: das pistas de atletismo às pistas de Fórmula 1". Buenos Aires. Educación Física y Deportes. a. 13, n. 126. Acesso em: 18 de abril de 2017.

PIRES, Giovani de Lorenzi. 1998. "Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte". Santa Catarina. Revista da Educação Física.v. 9 n. 1 p. 25-34. Acesso em: 17 de abril de 2017.

Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol – ano 2015. Feito pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol com a participação da Escola de Educação Física Fisioterapia e Dança, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - (ESEFID - UFRGS), publicado em março/2015. Disponível no www.observatorioracialfutebol.com.br acessado em 16 de abril de 2017.

REZENDE, C. B.; MAGGIE, Y. (Org.). Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

RODRIGUES FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SCHWARCZ, L. M. Retrato em branco e preto – jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. Informação, conhecimento e inteligência organizacional. 2. Ed. Marília: FUNDEPE, 2007. p. 9-24.

VIEIRA, José Jairo. 2003. "Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro". Teoria e Pesquisa, 42/43: 221-244.

VOGEL, Arno. 1982. "O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional". In: R. DaMatta (org.). Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke.

Wieviorka, M. (2007). O racismo, uma introdução. São Paulo: Perspectiva.

Réus do caso Aranha são liberados para frequentar estádios de futebol, Globo Esporte.com, Porto Alegre, 19 de fevereiro de 2016 disponível: <http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/noticia/2016/02/reus-do-caso-aranha-sao-liberados-para-frequentar-estadios-de-futebol.html> Acesso em 16 de abril de 2017.

MOURA, Eduardo. Pivô do caso Aranha volta a trabalhar, mas ainda sofre ameaça 1 ano depois. Globo Esporte.com, Porto Alegre, 27 de agosto de 2015 disponível: <http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2015/08/pivo-do-caso-aranha-volta-trabalhar-mas-ainda-sofre-ameaca-1-ano-depois.html>. Acesso em 20 de abril de 2017.

MOURA, Eduardo. Grêmio sente marca do caso Aranha e tem torcida hostilizada um ano depois, Globo Esporte.com, Porto Alegre, 28 de agosto de 2015 disponível: <http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2015/08/gremio-sentemarca-do-caso-aranha-e-tem-torcida-hostilizada-um-ano-depois.html>. Acesso em 20 de abril de 2017.

BALTAR, Marcelo. Pelé faz crítica a Aranha: "Quanto mais se falar, mais vai ter racismo". Globo Esporte.com, Rio de Janeiro, 10 de setembro de 2014 disponível: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2014/09/pele-sobre-participacao-brasileira-na-copa-do-mundo-um-desastre.html>. Acesso em 16 de abril de 2017.

CREPALDI, Fabrício. Aranha desabafa e ironiza torcedora: "Tentou chorar e não conseguiu", Globo Esporte.com, Porto Alegre, 18 de setembro de 2014 disponível : <http://globoesporte.globo.com/sp/santoseregiao/futebol/times/santos/noticia/2014/09/>

[vaiado-aranha-desabafa-e-diz-que-nao-ira-dar-desculpas-para-esse-povo.html](#)
Acesso em 17 de abril de 2017.

Globo.com, Árbitro denuncia ter sido vítima de racismo no Sul, 06 de março de 2014 disponível:<https://oglobo.globo.com/esportes/arbitro-denuncia-ter-sido-vitima-de-racismo-no-sul-11801710> Acesso em 20 de abril de 2017.

MAPELLI, Suellen. Polícia conclui inquérito sobre o caso Márcio Chagas sem indiciamentos. Edição online da Rádio Gaúcha, Porto Alegre, 04 de julho de 2014 disponível: <http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/policia-conclui-inquerito-sobre-caso-marcio-chagas-sem-indiciamentos-107392.html> Acesso em 19 de abril de 2017.

Arouca é chamado de “macaco” após vitória dos Santos, Jornal O Estado de São Paulo, 07 de março de 2014 disponível: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,arouca-e-chamado-de-macaco-apos-goleada-do-santos-em-mogi-mirim,1138189> Acesso em 20 de abril de 2017.

Atos de racismo contra Arouca serão comunicados ao TJD, Jornal O Estado de São Paulo, Agência Estado, 07 de março de 2014 disponível: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,atos-de-racismo-contr-a-arouca-serao-comunicados-ao-tjd,1138258> Acesso em 19 de abril de 2017.

JÚNIOR, Gonçalo. Goleiro Aranha sofre insultos racistas dos próprios santistas, Jornal O Estado de São Paulo, 21 de janeiro de 2015 disponível: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,goleiro-aranha-sofre-insultos-racistas-dos-proprios-santistas,1622846> Acesso em 20 de abril de 2017.

SABINO, Alex e LIMA, Iwata Diego. Arouca é vítima de racismo novamente, Jornal A Folha de São Paulo, edição online, 07 de março de 2015 disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/03/1421895-volante-santista-arouca-e-alvo-de-racismo-em-mogi-mirim.shtml> . Acesso em 21 de abril de 2017.

Michel Bastos é vítima de racismo após mandar torcida se calar. Edição online da Revista Veja – veja.com, 02 de novembro de 2015 disponível:

<http://veja.abril.com.br/esporte/michel-bastos-e-vitima-de-racismo-apos-mandar-torcida-se-calar/>. Acesso em 20 de abril de 2017.

Tchê Tchê sofre injúria racial durante jogo no Paraná; Verdão pede punição, Globo Esporte.com, 15 de agosto de 2016 disponível: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2016/08/tche-tche-sofre-injuria-racial-durante-jogo-no-parana-verdao-pede-punicao.html> Acesso em 02 de maio de 2017

MATOS, de Edgar e DE VICO, Marcello, TV Palmeiras flagra ato racista contra Tchê Tchê no Paraná, Uol Esportes, 15 de agosto de 2016 disponível: <https://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/seriea/ultimasnoticias/2016/08/15/tv-palmeiras-flagra-ato-racista-contratche-tche-no-parana.htm>. Acesso em 02 de maio de 2017.

Atlético – PR teve multa dobrada em caso de injúria racial contra Tchê Tchê, Globo Esporte.com, Curitiba, 03 de outubro de 2016 disponível: <http://globoesporte.globo.com/pr/futebol/times/atletico-pr/noticia/2016/10/atletico-pr-tem-multa-dobrada-em-caso-de-injuria-racial-contratche-tche.html#jogo-atletico-pr-0-x-1-palmeiras---14/08/2016-18%3A30> Acesso em 02 de maio de 2017.

STJ aplica multa de R\$ 5 mil ao Atlético Tubarão por caso de racismo, Observatório Racial do Futebol, 17 de dezembro de 2016 disponível: <http://observatorioracialfutebol.com.br/stjd-aplica-multa-de-r-5-mil-ao-atletico-tubarao-por-caso-de-racismo/> Acesso em 02 de maio de 2017.

HAMMES, Tomás. Clube rebaixado por racismo há 1 ano pena sem verbas e pode cair de novo, GloboEsporte.com, Porto Alegre, 14 de abril de 2015 disponível: <http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2015/04/clube-rebaixado-por-racismo-ha-1-ano-pena-sem-verbas-e-pode-cair-de-novo.html>. Acesso em 02 de maio de 2017.

Aranha diz que episódio de racismo dificultou busca por clube, Uol Esportes, São Paulo, 17 de junho de 2016 disponível : <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2016/06/17/aranha-diz-que-episodio-de-racismo-dificultou-busca-por-novo-clube.htm>. Acesso em 03 de maio de 2017.

MATTOSO, Camila e ALVES, Marcus. Chamar de macaco e imitar animal são coisas comuns na Arena do Grêmio, espn.com.br, 30 de agosto de 2015 disponível: http://espn.uol.com.br/noticia/436266_chamar-de-macaco-e-imitar-animal-sao-coisas-comuns-na-arena-do-gremio. Acesso em 03 de maio de 2017.